

O Tabernáculo

Um Novo Encontro Com Deus



Ernesto Kraft



Chamada.com.br



Ernesto Kraft

O Tabernáculo

Um Novo Encontro Com Deus

Ebook - 1ª Edição - 2015

Autor: Ernesto Kraft

Revisão: Sérgio Homeni, Ione Haake, Célia Korzanowski, Arthur Reinke

Edição: Arthur Reinke

Capa: Tobias Steiger

Layout: Roberto Reinke

Passagens da Escritura segundo Nova Versão Internacional – NVI, exceto quando indicado em contrário: versão Almeida Revisada e Atualizada – ARA(SBB), Almeida Corrigida e Revisada Fiel – ACF ou Almeida Revista e Corrigida – ARC.

Todos os direitos reservados para os países de língua portuguesa.

Copyright 2015 Actual Edições

Ebook ISBN 978-85-7720-124-2

R. Erechim, 978 – B. Nonoai

90830-000 – PORTO ALEGRE – RS/Brasil

Fones (51) 3241-5050 e 0300 789.5152

www.chamada.com.br - pedidos@chamada.com.br



ACTUAL
EDIÇÕES

Caixa Postal 1688

90001-970 • Porto Alegre/RS • BRASIL

Fone: (51) 3241.5050 • 0300 789.5152

www.chamada.com.br • pedidos@chamada.com.br

Índice

Introdução

1. [A Porta do Átrio \(Êxodo 27.16-18\)](#)
2. [O Átrio do Tabernáculo e as Cortinas do Átrio \(Êxodo 27.9-17\)](#)
3. [O Altar do Holocausto \(Êxodo 27.1-8\)](#)
4. [A Bacia de Bronze \(Êxodo 30.17-21\)](#)
5. [As Cobertas do Tabernáculo \(Êxodo 26.1-14\)](#)
6. [O Lugar Santo](#)
7. [O Candelabro \(Êxodo 25.31-40; 37.17-24\)](#)
8. [A Mesa Dos Pães \(Êxodo 25.23-30\)](#)
9. [O Altar do Incenso \(Êxodo 30.1-10\)](#)
10. [O Véu \(Êxodo 26.31-37\)](#)
11. [O Lugar Santíssimo](#)
12. [Arca da Aliança \(Êxodo 25.10-22\)](#)

Introdução

Em **Apocalipse 21.3** está escrito: ***“Ouvi uma forte voz que vinha do trono e dizia: ‘Agora o tabernáculo de Deus está com os homens, com os quais ele viverá. Eles serão os seus povos; o próprio Deus estará com eles e será o seu Deus’”***.

Deus criou o homem com o propósito de ter comunhão com Ele. Esse propósito está claramente expresso em Gênesis 1. O homem desfrutou da comunhão com Deus, mas, como sabemos, esse homem rejeitou a oferta de comunhão por meio da desobediência. Contudo, Deus não desiste do seu propósito e no final das Escrituras lemos que Deus vai realizar o Seu propósito inicial através da obra de redenção realizada por Jesus.

Temos, então, uma razão para a construção do Tabernáculo. Ele é uma descrição do caminho que o homem, que caiu no pecado e perdeu a comunhão com seu Criador, deve percorrer para voltar para Deus. Se traçarmos uma linha do altar do holocausto até a Arca da Aliança e outra do candelabro até a mesa dos pães nós veremos a figura da cruz. Portanto, já no Antigo Testamento Deus revelou o modo como o homem pecador pode voltar a entrar em comunhão com o seu Criador. Na descrição da criação do universo, essa maravilha que encanta qualquer um que pára para admirá-lo, Deus utilizou menos de um capítulo, mas para descrever o Tabernáculo, que representa o caminho da salvação no Antigo Testamento, Ele utilizou cinquenta capítulos! Tudo isso foi feito para descrever e explicar minuciosamente como o homem pode voltar para o seu Deus. O Tabernáculo é tão importante para Deus que ele é mencionado cento e quarenta e quatro vezes na Bíblia. Em **Romanos 15.4** lemos o seguinte: ***“Pois tudo o que foi escrito no passado, foi escrito para nos ensinar, de forma que, por meio da perseverança e do bom ânimo procedentes das Escrituras, mantenhamos a nossa esperança”***. Realmente, o Tabernáculo é para o nosso ensino. Ele nos demonstra lições maravilhosas a respeito da pessoa de Jesus Cristo. Cada peça que foi usada e cada material que foi utilizado tem um significado que aponta para Jesus Cristo. Nele tudo subsiste e encontra o seu sentido, como lemos na Carta aos Colossenses.

Em **Hebreus 9.24** está escrito: ***“Pois Cristo não entrou em santuário feito por homens, uma simples representação do verdadeiro; ele entrou nos céus, para agora se apresentar diante de Deus em nosso favor”***. Isso significa que o Tabernáculo do Antigo Testamento é uma figura do verdadeiro. E, por isso, tudo tinha que ser feito da maneira como Deus ordenava. Daí a razão de ser repetida sete vezes a seguinte instrução: “Faça tudo segundo o modelo que eu lhe mostrar”. Tudo tinha que ser reproduzido como Deus ordenava, senão não poderia servir para nós

como figura do verdadeiro. Foram usados quatorze tipos de materiais: ouro, prata, cobre, madeira de acácia, estofado azul, púrpura, carmesim, linho fino, pelo de cabras e carneiro, animais marinhos, azeite, pedras preciosas e especiarias. Isso não foi feito por acaso. É que o número quatorze tem um significado espiritual. Quatorze pode ser representado na forma de 2x7. O número dois significa testemunho (veja 2Coríntios 13.1) e o número sete significa perfeição. Unindo-se os dois conceitos, temos a seguinte verdade espiritual: o Tabernáculo é um testemunho perfeito para nós. Essa era a razão pela qual eles procuravam fazer tudo com precisão, como Deus determinou. Somente desse modo é que o Tabernáculo pôde se tornar uma figura para nós, uma fiel reprodução do verdadeiro, conforme lemos em Hebreus 8.5 ou 9.24.

A consequência dessa obediência, por terem feito tudo da forma como lhes ordenara, foi a aprovação de Deus através da Sua presença. Em **Êxodo 40.34** constatamos essa confirmação: ***“Então, a nuvem cobriu a tenda da congregação, e a glória do Senhor encheu o tabernáculo” (ARA)***. Eis aqui uma lição eterna para nós: quando obedecemos integralmente à vontade de Deus, fazendo tudo conforme Ele nos ordena, então podemos esperar com certeza Sua manifestação, aprovação e bênção. Quando vivemos segundo os princípios da Palavra de Deus, podemos esperar as bênçãos de Deus.

Sabemos, contudo, que cultuar a Deus pode ser feito de muitas maneiras diferentes. No entanto, deveríamos nos perguntar: será que a maneira como estou vivendo está agradando ao Senhor? Lembre-se do exemplo de Abel e Caim. Ambos trouxeram ofertas ao Senhor (ambos cultuaram). Para quem observava, aparentemente estava tudo certo com os dois. Mas, somente a oferta de Abel foi recebida com prazer pelo Senhor e a de Caim foi rejeitada. O mais importante é servirmos, cultuarmos e ofertarmos **como** está escrito e não como nossa compreensão determina. Em **Efésios 5.10** nós lemos o seguinte: ***“...aprendam a discernir o que é agradável ao Senhor”***.

Através do Tabernáculo nós aprendemos o que, na prática, é obedecer às ordenanças da Palavra do Senhor. Aprendemos o que é executar aquilo que Ele determinou. Aprendemos também que, ao concluir a obra conforme foi determinada e prescrita, nós também iremos experimentar a bênção da sua confirmação e presença em nossas vidas.

Outra lição que aprendemos da construção do Tabernáculo é o motivo da sua construção. Será que sabemos qual era esse motivo? Em **Êxodo 25.8** lemos o seguinte: ***“E me farão um santuário, para que eu possa habitar no meio deles” (ARA)***. **Êxodo 29.45** ainda acrescenta: ***“E habitarei no meio dos filhos de Israel e serei o seu Deus” (ARA)***. O propósito de Deus em tudo isso para a humanidade, para mim e para você em particular, é que possamos desfrutar da comunhão com Ele. Deus expressa esse desejo ao dizer ***“Eu quero habitar no meio deles”***. No

Evangelho de **João 1.14** nós lemos: *“E o Verbo se fez carne, e habitou (no original diz “tabernaculou”) entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai” (ARA)*. E nesse contexto lemos ainda que embora Ele tenha vindo para os seus (os judeus), eles não O aceitaram. O desejo de Deus em relação a você é restabelecer a comunhão perdida.

Outro aspecto que nos chama à atenção em Êxodo 25-40 é a divisão dos capítulos. De 25 a 31 encontramos as instruções a respeito da construção do Tabernáculo; de 32 a 40 a execução da construção do Tabernáculo; no entanto, de 32 a 34 temos o relato da apostasia do povo de Israel quando esse construiu e adorou um bezerro de ouro, esquecendo-se assim do seu Deus que já havia se manifestado por meio de tantos prodígios e milagres.

Deus, porém, já sabia que o homem iria virar as costas para Ele. No entanto, Ele nunca desistiu do seu propósito em relação à humanidade. Ele nunca desistiu dos seus propósitos em relação a você, de abençoá-lo e voltar a ter comunhão com você, mesmo quando, da sua parte, há infidelidade e desobediência em relação ao Senhor. Deus permanece fiel ao propósito de levar você a ter novamente comunhão com Ele! Em **Cantares 8.7** lemos o seguinte: *“As muitas águas não poderiam apagar o amor...” (ARA)*. Somente por causa do amor de Deus é que podemos ter esperança de isso poder acontecer de novo em nossas vidas. A ansiedade de Deus em ter comunhão com os homens é uma realidade maravilhosa. Somente a realidade desse profundo amor de Deus por nós é que nos dá condições de suportar as situações difíceis. A própria existência da Igreja, a convivência de uns com os outros é possível somente quando todos agem na esfera desse amor. Somente esse amor pode apaziguar e reconciliar irmãos que têm desavenças entre si. Somente ele tem o poder de vencer e remover todos os obstáculos que aparecem para impedir a plena comunhão na Igreja.

Podemos aprender outra lição maravilhosa a partir da disposição geométrica do Tabernáculo. Ele é subdividido em três áreas principais: **o átrio** (ou pátio exterior), **o lugar santo** e **o lugar santíssimo**. Encontramos essa estrutura de tripartição repetidas vezes nas Escrituras. Por exemplo, em 1Jo 2.12-14 temos exemplos de três tipos de crentes: os filhinhos, os jovens e os pais; em Mateus 13.23 vemos três modos de produção: a cem, a sessenta e a trinta por um. Parece que podemos estabelecer uma relação entre a geometria do Tabernáculo, os tipos de crentes e os modos de produção: os filhinhos são aqueles que ainda se encontram no átrio e, por isso, produzem somente trinta por um; os jovens são aqueles que se encontram no lugar santo, mais próximos do Pai e, por isso produzem mais, sessenta por um; finalmente, os pais são aqueles que se encontram no lugar santíssimo, isto é, em plena comunhão com o Pai e, portanto, conseguem a maior produção: cem por um! Dois outros exemplos da tripartição que encontramos na Bíblia são os seguintes: a constituição do homem (o homem é constituído de corpo, alma e espírito) e as

virtudes maiores da vida cristã (veja 1Co 13) são a fé, a esperança e o amor, sendo o amor a maior virtude. Semelhantemente ao que fizemos acima, podemos estabelecer uma correspondência entre essas últimas verdades e alguns dos utensílios do Tabernáculo. Deus começou mencionando a Arca da Aliança (que se encontra no lugar santíssimo) e terminou com o pátio exterior (o átrio). A razão disso é que Ele quer que avancemos em direção do melhor. Fé é muito bom; esperança também é; mas o amor é melhor. Ele não quer que permaneçamos como filhinhos (crianças na fé) ou jovens na fé, mas seu profundo desejo é que todos nos tornemos pais, ou seja, que crescamos até à estatura de Cristo, como lemos na Carta aos Efésios. Há mais uma menção em Romanos 12.2 do fenômeno da tripartição: a boa, a agradável e a perfeita vontade de Deus. Até nas questões de oração vemos o mesmo padrão: ***“pedi e dar-se-vos-á, buscai e achareis, batei e abrir-se-vos-á” (Mt 7.7 – ARA).***

O desejo de Deus é que nós crescamos em tudo: ***“O propósito é que não sejamos mais como crianças, levados de um lado para outro pelas ondas, nem jogados para cá e para lá por todo vento de doutrina e pela astúcia e esperteza de homens que induzem ao erro” (Ef 4.14).*** Ele também espera que você sempre escolha o melhor e que haja prioridades em sua vida. Por exemplo, entre o que Marta fez e o que Maria fez durante a visita de Jesus em sua casa havia diferença. Marta se ocupava em servir, o que não estava errado e era bom, mas Maria preferia ouvir do Senhor, o que era muito melhor. E Jesus afirmou que o que Maria fez jamais seria tirado dela, pois era o melhor. O problema do cristão não é escolher entre o certo e o errado, entre o bem e o mal, mas seu problema crucial consiste em escolher entre o bom e o melhor!

Há ainda mais uma lição proveniente da construção do Tabernáculo. A pergunta: Onde ele foi construído? Foi construído no deserto, a céu aberto, para estar no meio do povo, passando e presenciando as mesmas situações a que o povo estava sujeito. Ele não foi construído num abrigo anti-chuva e anti-tempestades de areia. Não! Ele foi posicionado de forma tal que houvesse total identificação entre ele (que simbolizava a própria presença divina e, por implicação, a obra do próprio Cristo) e o povo ao qual se destinava. Isso nos ensina que Deus não resolveu ficar no céu, longe das amarguras pelas quais passam os homens. Ele Se identificou de tal maneira com o homem que decidiu pisar na lama do pecado e até de assumir sobre Si o próprio pecado na Pessoa do Seu Filho. Isso está escrito em **Hebreus 2.17**, onde diz: ***“Por essa razão era necessário que ele se tornasse semelhante a seus irmãos em todos os aspectos, para se tornar sumo sacerdote misericordioso e fiel em relação a Deus, e fazer propiciação pelos pecados do povo”.*** Jesus não ficou numa posição cômoda lá no céu, mas resolveu “tabernacular” entre nós. Ele Se humilhou de tal maneira que resolveu aceitar até a morte vergonhosa que sofreu, sendo inocente de tudo quanto era acusado (veja Filipenses 2.5-11). É importante notar que as bases de sustentação do Tabernáculo, que eram feitas de cobre e prata, não

ficavam flutuando sobre o solo (o que seria uma excelente demonstração da presença contínua de Deus entre o povo), mas elas penetravam profundamente no solo do deserto, indicando-nos que Deus não tem reserva alguma em relação a nós. Nenhuma prescrição foi feita a respeito do solo onde deveria ser assentado ou construído o Tabernáculo. Quando autoridades de uma nação visitam outra nação amiga, geralmente elas são recebidas com toda pompa e um tapete (geralmente vermelho) é estendido para que aquela autoridade caminhe sobre ele. Deus, ao contrário, prescindiu do tapete. A sua honra está em ter comunhão completa conosco. Creio que o tapete que Ele gostaria que estivesse estendido diante dEle é o nosso coração. Entregar-lhe espontaneamente o nosso coração humilhado e contrito seria a mais alta honra que poderíamos conferir-Lhe. Vemos, portanto, por essa figura que Deus é aquele que, por conviver com e entre o seu povo, de fato compreende o que se passa com cada um de nós. Através de **Hebreus 2.18**, que diz: ***“Porque, tendo em vista o que ele mesmo sofreu quando tentado, ele é capaz de socorrer aqueles que também estão sendo tentados”***, podemos ter certeza que nunca experimentaremos algo pelo qual Ele não tenha passado. Ele é quem possui uma melhor compreensão a respeito de nós do que nossos pais, irmãos, amigos, esposa ou marido. Em Jesus realmente temos um amigo fiel.

Voltemo-nos, agora, para as quantidades de material necessárias para a construção daquele Tabernáculo. Vejam só essa lista de materiais: 1.270 kg de ouro, 4.360 kg de prata e 3.050 kg de cobre, além de madeiras nobres (acácia) e tecidos finos (púrpura e carmesim). Isso nos leva a pensar e a perguntar: onde será que eles conseguiram todo aquele material, estando num deserto? Não havia depósito de materiais para construção no deserto (o mais próximo estava a centenas de quilômetros, no Egito!), muito menos nos é relatado que houve chuva de material do céu. Aqui temos mais uma lição que deve servir para nos motivar: apesar de tudo, foi Deus mesmo quem providenciou todo o material necessário para a construção do Tabernáculo. Nós lemos a respeito dessa provisão de Deus em Êxodo 12.35 e 36 e em Salmos 105.37. Deus já sabia de antemão o que o povo iria precisar no deserto e se adiantou. Assim é o nosso Deus. Ele conhece o nosso amanhã! Por isso, pode ser que hoje Deus esteja dirigindo a sua vida de uma maneira que você não esteja compreendendo, mas pode ter certeza de que, mais tarde, você entenderá. Saiba isso: o seu Deus conhece tudo que está relacionado à sua vida, até o seu último dia na face da terra. Por isso, entregue-se a Ele hoje de todo o seu coração. Andar preocupado e ansioso de nada adianta, antes devemos fazer o que **1Pedro 5.7** nos recomenda: ***“Lancem sobre ele toda a sua ansiedade, porque ele tem cuidado de vocês”***.

Nesse episódio da construção do Tabernáculo temos uma constatação maravilhosa de que Deus sabe todas as coisas, que Ele tem um plano pré-definido e o está executando na história da humanidade e na vida de cada um de nós que cremos nEle e obedecemos a Sua Palavra. Todos os que estão ansiosos, aguardando pela solução de alguma crise que se estabeleceu em suas vidas, devem descansar convictos de que

Deus está no comando de tudo. Sejam questões matrimoniais, questões profissionais ou qualquer outra questão existencial, não importa. O que importa é que Ele sabe qual é o melhor futuro para você. Se Ele realizou o milagre de construir um Tabernáculo daquelas proporções em pleno deserto (quase dez toneladas de material sólido), então Ele também pode transformar o deserto de nossas vidas no que bem desejar! Diante desse Deus, que não conhece limitação alguma para a Sua atuação, nós só podemos adorá-LO e louvá-LO.

Mas como foi, afinal, conseguido todo aquele material? Lembremo-nos que quando Israel saiu do Egito, os egípcios procuravam apressá-los para que saíssem o mais rápido possível, pois queriam se livrar dos israelitas de uma vez por todas, e até os incentivavam oferecendo jóias, ouro e prata e diversos tipos de presentes. E assim, Israel, diz o texto sagrado, pilhou os egípcios ao saírem daquele país. Pois bem, quando da construção do Tabernáculo Deus deu a seguinte ordem a Moisés: ***“Diga aos israelitas que me tragam uma oferta. Receba-a de todo aquele cujo coração o compelir a dar” (Êx 25.2).*** No Novo Testamento temos um exemplo correlato em **2Coríntios 8.3-4** que diz: ***“Pois dou testemunho de que eles deram tudo quanto podiam, e até além do que podiam. Por iniciativa própria eles nos suplicaram insistentemente o privilégio de participar da assistência aos santos”***. Deus nunca manipulou qualquer filho Seu para que Lhe desse uma oferta. Mas Ele diz “aquele cujo coração o mover”, deste sim, Ele aceita a oferta. Na obra de redenção do mundo, somente interessa o seguidor voluntário. Alguém que “veste a camiseta” do Reino por amor. Amor nunca surgirá da obrigação, do medo ou da coação. Essa é a razão pela qual as coisas não estão mais funcionando em muitas de nossas igrejas. Pois o que falta é esse primeiro amor. Quem é movido pelo amor de Deus trabalha e não se cansa. Mas se falta esse amor, falta o essencial e toda a obra fica comprometida. É interessante notar que os dois problemas que comprometem toda a máquina eclesiástica da modernidade são exatamente os dois a respeito dos quais nada é dito nas epístolas do Novo Testamento: evangelização e sustento financeiro da obra. Nenhum documento do Novo Testamento foi escrito porque as igrejas não estavam evangelizando ou não estavam contribuindo para missões. Os problemas que afligiam os líderes das igrejas do Novo Testamento eram outros. Exatamente aqueles que não nos afligem hoje! Isso ocorreu por causa da perda do primeiro amor. Onde há amor sempre há de se encontrar soluções práticas e viáveis, pois o amor é, por assim dizer, um gerador de soluções. Quando o povo agiu por amor a Deus, aconteceu um milagre do tipo que não vejo ocorrer algum igual na atualidade. Vejam o que diz **Êxodo 36.6-7** a esse respeito: ***“Então Moisés ordenou que fosse feita esta proclamação em todo o acampamento: ‘Nenhum homem ou mulher deverá fazer mais nada para ser oferecido ao santuário’. Assim, o povo foi impedido de trazer mais, pois o que já haviam recebido era mais que suficiente para realizar toda a obra”***. Não havia mais lugar para colocar tanta

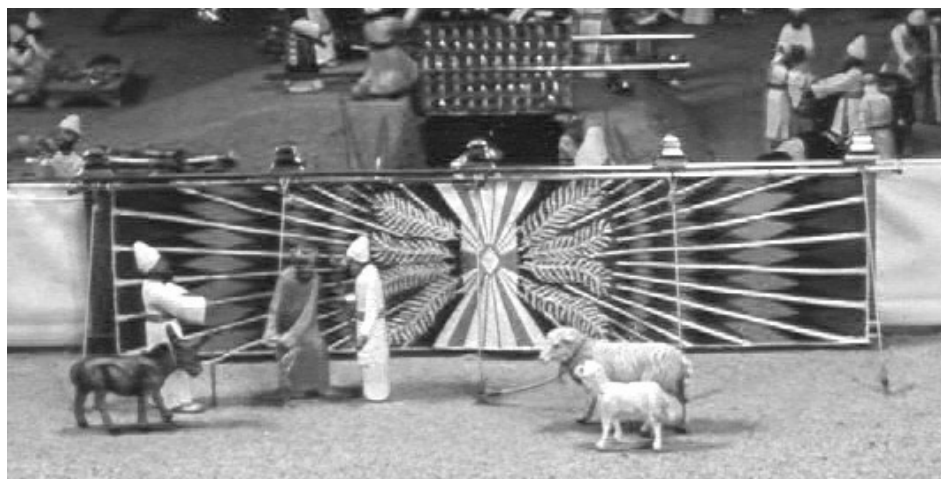
oferta! Onde falta amor, também faltam obreiros e sustento para esses obreiros. Quando as coisas ficam muito complicadas em determinada situação em uma igreja, isso é um claro sintoma da falta de amor. Embora o ensino sobre o amor seja claro no Novo Testamento, já no Antigo Testamento temos exemplos concretos da necessidade dele no meio do povo de Deus. Sem ele o povo não anda do modo que agrada a Deus. Ele não está interessado de forma alguma em quem trabalha ou se dedica por algum sentimento de obrigação. Mas Ele busca aquelas pessoas que se dedicam única e exclusivamente por amor a Ele. Assim, o Tabernáculo foi construído e temos uma resposta para explicar o motivo pelo qual hoje em dia a situação da Igreja é precária. A solução para a Igreja do século XXI é a mesma solução proposta por Jesus para a Igreja em Éfeso, conforme se encontra em **Apocalipse 2.4-5**, que diz: ***“Contra você, porém, tenho isto: você abandonou o seu primeiro amor. Lembre-se de onde caiu! Arrependa-se e pratique as obras que praticava no princípio. Se não se arrepender, virei a você e tirarei o seu candelabro do lugar dele”***. O povo construiu aquele Tabernáculo bem no meio de um deserto, motivado única e exclusivamente pelo amor ao seu Deus, num lugar em que, humanamente falando, não havia recurso algum aparente. Construir uma obra dessa envergadura num deserto se tornou um exemplo para nós do que podemos realizar para Deus quando nos movemos fundamentados no amor.

Aprendemos, portanto, as seguintes lições do Tabernáculo:

- Primeiro: Deus quer comunhão conosco;
- Segundo: quando obedecemos incondicionalmente ao que diz a Palavra de Deus, Ele irá Se manifestar e confirmar o aquilo que fazemos;
- Terceiro: Deus sempre quis e quer Se identificar conosco, não importa a situação em que estejamos no momento;
- Por último: Deus procura em nós aquele primeiro amor que possui soluções para todos os problemas.

Vamos, então, a partir desse ponto, entrar no estudo do Tabernáculo!

A Porta do Átrio (Êxodo 27.16-18)



Tudo no Tabernáculo aponta para Cristo. A porta é uma indicação para Jesus. O altar do sacrifício, a bacia de bronze, todas as peças que nós encontramos no Lugar Santo e a Arca da Aliança, tudo tem relação com Jesus Cristo.

O Antigo Testamento tem uma mensagem para os nossos dias e o próprio Jesus foi quem mostrou a importância dos escritos de Moisés. Por exemplo, quando Ele falou em Lucas 24 aos dois discípulos na estrada de Emaús, Ele se referiu aos eventos do Antigo Testamento que falavam a respeito dele. Os dois discípulos, depois que O reconheceram, comentaram entre si como lhes aquecia o coração à medida que Ele lhes falava das Escrituras do Antigo Testamento. Que nós também possamos experimentar Jesus nos falando através dessas maravilhosas lições que o Tabernáculo nos fornece.

Na descrição do Tabernáculo, Deus não começa pelo átrio, mas pelo Lugar Santíssimo. Ele começa pela Arca da Aliança. Começa, portanto, com o mais importante. Isso é um princípio que aprendemos das Escrituras: Deus quer que sempre adentremos ao melhor. Por exemplo, a Bíblia fala em Romanos 12.2 da boa, agradável e perfeita vontade de Deus. Em Lucas 10.42 nós lemos que entre aquelas duas irmãs (Marta e Maria), apenas uma delas escolheu o melhor (Maria), e o que ela escolhera não lhe seria tirado. Esse alvo a ser atingido pelos filhos de Deus (o de procurar efetuar as melhores escolhas e ações) é, muitas vezes, chamado de perfeição. Lemos isso em *Mateus 5.48*, em relação ao perdão devido aos nossos inimigos, que diz: ***“Portanto, sejam perfeitos como perfeito é o Pai celestial de vocês”***. O versículo anterior fala do padrão de qualidade que até os não-cristãos

atingem. Já o versículo 48 fala do padrão de qualidade que somente um filho autêntico de Deus atinge! Utilizando figuradamente a linguagem do Tabernáculo, nós somos convidados a não ficar somente no pátio, mas a procurarmos avançar em direção ao Lugar Santíssimo.

O Tabernáculo nos ensina a prioridade da vida de santidade. Isso significa não somente se alegrar com a salvação, que é uma dádiva maravilhosa, mas não assumir uma atitude comodista por já ser salvo, colocando como alvo o aperfeiçoamento da santidade diante de Deus. Colocar Deus em primeiro lugar é a primeira lição que aprendemos, pois Ele começou a descrever o Tabernáculo pelo Lugar Santíssimo.

Quando nós olhamos para o Tabernáculo pelo lado de fora, notamos que ele era cercado, envolvido com um tecido branco de linho fino que o separava do povo. Eles moravam em torno dele em tendas que possivelmente eram sujas. Quando dirigiam o olhar para o Tabernáculo, um contraste se estabelecia entre o modo de ser deles e daquele que o Tabernáculo representava. Essa cortina de linho fino branco representava a justiça de Deus que exigia algo que as pessoas não possuíam para que se pudesse chegar a ter comunhão com Deus. Essa própria cerca criou a necessidade de uma porta que permitisse entrar no Tabernáculo. A cortina deixava claro que havia uma nítida distinção entre o puro e o impuro, entre o santo e o mundano. Essa cortina, portanto, representa a santidade absoluta de Deus. Se quisermos nos aproximar de Deus, entrarmos à sua presença, devemos reconhecer que estamos diante de um ser que é totalmente santo. E muitas vezes nos esquecemos dessa verdade.

As dimensões do Tabernáculo eram de aproximadamente 50 metros de comprimento por 25 metros de largura (ver Êxodo 27.9). No oriente antigo uma das medidas lineares de comprimento era o côvado (distância que ia do cotovelo à ponta do dedo médio de uma das mãos de um homem adulto normal), distância que variava de 45 cm (côvado menor) até 55 cm (côvado maior). É interessante notar que ele possuía apenas uma porta de entrada e não quatro, como se poderia esperar, para facilitar a entrada dos israelitas que moravam em redor.

Esse fato nos conduz a uma constatação misteriosa. Quando da expulsão do homem do jardim do Éden temos em **Gênesis 3.24** a seguinte afirmação: ***“Depois de expulsar o homem, [Deus] colocou a leste (ao oriente) do jardim do Éden querubins e uma espada flamejante que se movia, guardando o caminho para a árvore da vida”***. Foi exatamente num dos lados que estava na direção leste, conforme Êxodo 27.13-14, que Deus determinou que se fizesse uma porta de acesso para os israelitas. Nada do que aconteceu desde o início do universo está esquecido diante do nosso Deus. A porta de um dos lados a leste do Tabernáculo era, portanto, um chamado para se voltar a ter acesso à presença de Deus, acesso esse perdido no jardim do Éden por ocasião do pecado da desobediência. É isso que quer nos

descrever o Tabernáculo: o caminho de retorno à salvação, que começa pela porta de acesso, que era única. Isso nos faz lembrar de algumas palavras do próprio Jesus que se auto-denominou de “*a porta*” em **João 10.9** ao dizer “***Eu sou a porta; quem entra por mim será salvo***”, e de “o único caminho” quando disse: “***Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, a não ser por mim***” (**Jo 14.6** –).

As dimensões, em côvados, da porta eram as seguintes: 10 côvados de largura por 20 côvados de altura. O número vinte pode ser representado por 4 x 5. Quatro é o número que significa universalidade na Bíblia, enquanto que o cinco é o número da graça. Juntando os dois significados podemos sintetizar a seguinte verdade: a graça é uma bênção que está disponível para **todas** as pessoas que vivem neste mundo. Essa graça está convidando **todos** que estão afastados a voltarem para a casa do Pai, que já preparou, inclusive, a porta de acesso.

Na construção da porta foram incorporados certos tipos de tecidos cujas cores têm significados espirituais importantes. Os tecidos que entraram na confecção da porta eram o linho fino, estofa azul, o carmesim e a púrpura. A descrição disso encontramos em **Êxodo 27.16**, que diz: “***À entrada do pátio, haverá uma cortina de nove metros de comprimento, de linho fino trançado e de fios de tecidos azul, roxo e vermelho, obra de bordador, com quatro colunas e quatro bases***”. Essas quatro cores significam os quatro Evangelhos e representam certas características distintas que aparecem nesses quatro Evangelhos. No Evangelho de Mateus Jesus nos é apresentado como o Messias e Rei dos judeus. A cor que representa esse Evangelho é a púrpura (próximo ao nosso roxo), que era a cor dos mantos que os reis usavam. Quando Jesus foi humilhado, vestiram-no com um manto desses. O Evangelho de Marcos mostra Jesus como o servo ideal de Deus, que serviu a ponto de Se entregar até a morte. A cor que o representa é o carmesim (uma espécie de vermelho forte), derivada do esmagamento de um inseto nativo da Palestina. Essa característica é bem retratada no Evangelho de Marcos, onde Jesus se apresenta como o servo que Se deixa esmagar até morrer. E como na sociedade oriental não se produziam registros genealógicos dos servos, Marcos não nos fornece a genealogia terrena de Jesus. Já Lucas apresenta Jesus como o Filho do Homem que não cometeu pecado algum. Sua cor é o branco do linho fino. Ela representa a pureza, a santidade do Filho do Homem. Isso fora previsto antes do Seu nascimento pelo anjo Gabriel quando disse à Maria: “***O Espírito Santo virá sobre você, e o poder do Altíssimo a cobrirá com a sua sombra. Assim, aquele que há de nascer será chamado Santo, Filho de Deus***” (**Lc 1.35**). Essa santidade absoluta foi testada várias vezes durante o seu ministério terreno e foi absolutamente confirmada. Vemos isso, por exemplo, num confronto com os judeus quando Ele diz: “***Qual de vocês pode me acusar de algum pecado?***” (**Jo 8.46**) e, mais tarde, na audiência com Pilatos: “***Então Pilatos disse aos chefes dos sacerdotes e à multidão: ‘Não encontro motivo para acusar este***

homem'. ...14Vocês me trouxeram este homem como alguém que estava incitando o povo à rebelião. Eu o examinei na presença de vocês e não achei nenhuma base para as acusações que fazem contra ele'” (Lc 23.4,14). No Evangelho de João vemos Jesus como Aquele que foi enviado. Essas características podem ser correlacionadas com as cores utilizadas nos tecidos de confecção da porta. A cor azul representa tudo que é celestial e aponta para o Evangelho de João, pois nesse Evangelho Jesus é apresentado como aquele que veio do céu, sendo mencionado quarenta vezes que Ele é o enviado do Pai. Esse Evangelho não relata a genealogia humana de Cristo, uma vez que Ele é Aquele que veio do céu, de Deus. Em resumo, nós temos Jesus apresentado nos Evangelhos da seguinte forma: Ele veio do céu, conforme o Evangelho de João; aceitou o nosso pecado sobre Si, em Marcos; nos vestiu com as vestes brancas da santidade, conforme Lucas e voltará para nos levar para a casa celestial do Seu Pai, cujos lugares Ele já os têm preparado, conforme nos ensina o Evangelho de João. Essa é então a razão das cores diferentes para porta de entrada do Tabernáculo, pois ela tem a ver com Jesus nos quatro Evangelhos, que nos ensinam como nós pecadores podemos entrar à presença de Deus, sendo o primeiro passo o entrar pela porta.

É interessante notar também que aqueles quatro seres viventes celestiais que aparecem em Apocalipse 4, também são figuras representativas dos quatro Evangelhos. Eles têm quatros rostos, semelhantes ao de um leão, um novilho, um homem e uma águia. Aqui a relação é até mais impressionante, pois o leão, que era o símbolo da tribo de Judá (Jesus é da linhagem dessa tribo de Israel), sempre foi a figura de um rei; o novilho sendo um animal de carga para serviços pesados aponta para o Evangelho de Marcos, onde Jesus é apresentado como o servo ideal; o rosto de homem aponta para a humanidade perfeita do filho do homem que era sem pecado, sendo essa característica apresentada por Lucas; e o último ser vivente era semelhante a uma águia quando está voando e representa as alturas celestiais de onde Jesus é procedente, sendo essa característica apresentada no Evangelho de João.

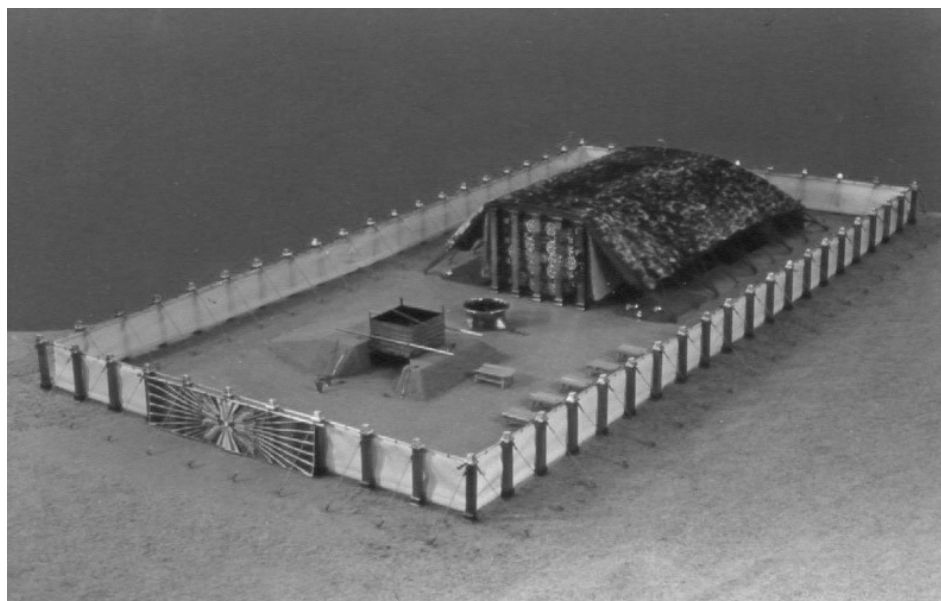
Outro detalhe na questão da geometria do Tabernáculo era a altura da cortina de linho fino branco que o envolvia, que era de aproximadamente dois metros e meio. Era uma altura que dificultava qualquer um que quisesse adentrar ao Tabernáculo por outro meio que não fosse o caminho normal, a porta. No entanto, não era uma altura impossível de ser pulada com o auxílio de alguma espécie de alavanca (igual àquela utilizada pelos atletas que praticam salto com vara nas competições esportivas). A própria Bíblia admite a possibilidade de que tal coisa ocorresse quando no Evangelho de João é dito o seguinte: **“Eu lhes asseguro que aquele que não entra no aprisco das ovelhas pela porta, mas sobe por outro lugar, é ladrão e assaltante” (Jo 10.1).** Isso aponta para a possibilidade de existir uma pessoa que não queira usar a porta como único caminho para se entrar no Lugar Santo. Situação semelhante encontramos em Mateus numa festa de casamento, um banquete nupcial

oferecido por um rei: ***“Mas quando o rei entrou para ver os convidados, notou ali um homem que não estava usando veste nupcial. E lhe perguntou: ‘Amigo, como você entrou aqui sem veste nupcial?’ O homem emudeceu”*** (Mt 22.11-12). Por meio desses dois exemplos aprendemos que existe a possibilidade de alguém entrar em lugares santos por vias não normais, ou seja, ou pulando por cima das cercas, ou trajando vestes impróprias ao ambiente.

Voltando para a figura da porta, sabemos que não há outra via de acesso, pois o próprio Jesus disse: ***“Eu sou a porta; quem entra por mim será salvo. Entrará e sairá, e encontrará pastagem”*** (Jo 10.9). Lembramos então do Salmo 84.10, que diz: ***“Melhor é um dia nos teus átrios do que mil noutro lugar; prefiro ficar à porta da casa do meu Deus a habitar nas tendas dos ímpios”***. Isso tudo nos remete à seguinte conclusão: somente quem entra pela porta correta, que é Jesus, achará a verdadeira vida. Ao entrar pela porta verdadeira dá-se início a uma vida abundante. E tudo já havia sido indicado nos primórdios do Antigo Testamento que, no seu âmago, apontava para Cristo, aquele que haveria de trazer a verdadeira salvação.

2

O Átrio do Tabernáculo e as Cortinas do Átrio (Êxodo 27.9-17)



De acordo com Êxodo 27.9-15 o Tabernáculo era cercado com uma cortina de linho fino trançado, que perpassava por sessenta colunas ou pilares, sendo vinte colunas para cada um dos lados maiores do Tabernáculo e dez para cada um dos lados menores. A essa altura devemos ter em mente que o Tabernáculo era um retângulo perfeito (dois lados maiores paralelos e dois lados menores também paralelos). Já sabemos que o linho fino branco utilizado nessa cortina é encontrado na porta do Tabernáculo e aprendemos que ele aponta para a pureza de Jesus. Em **Apocalipse 19.7-8** lemos o seguinte a respeito do último casamento da história: ***“Regozijemo-nos! Vamos alegrar-nos e dar-lhe glória! Pois chegou a hora do casamento do Cordeiro, e a sua noiva já se aprontou. Para vestir-se, foi-lhe dado linho fino, brilhante e puro. O linho fino são os atos justos dos santos”***. Essa passagem nos ensina que a justiça de Deus foi-nos dada através da justiça de Cristo, pela da salvação que Ele nos trouxe.

Por isso o Tabernáculo era separado do ambiente ao redor e, para tanto, havia uma única porta que dava acesso ao seu interior. Isso nos ensina que Deus espera que haja uma nítida separação entre o mundo e a Igreja, que a fronteira entre esses dois ambientes esteja muito bem delineada. Isso fica claro em textos tais como esse: ***“Não se ponham em jugo desigual com descrentes. Pois o que têm em comum a***

justiça e a maldade? Ou que comunhão pode ter a luz com as trevas? Que harmonia entre Cristo e Belial? Que há de comum entre o crente e o descrente? Que acordo há entre o templo de Deus e os ídolos? Pois somos santuário do Deus vivo. Como disse Deus: ‘Habitarei com eles e entre eles andarei; serei o seu Deus, e eles serão o meu povo’. Portanto, ‘saíam do meio deles e separem-se’, diz o Senhor. ‘Não toquem em coisas impuras, e eu os receberei, e lhes serei Pai, e vocês serão meus filhos e minhas filhas’, diz o Senhor todo-poderoso” (2Co 6.14-18). Quando os israelitas olhavam das suas tendas para o Tabernáculo é bem provável que certos pensamentos passassem por suas mentes, tais como, “lá é a morada de Deus”, “lá as coisas são diferentes”, “lá é que habita a justiça”, “lá é que está a santidade”, etc. Tudo isso estava visualmente incorporado àquela cortina de linho fino branco que cercava o Tabernáculo. Essa lição deve ficar bem gravada em nossas mentes: Deus requer um alto padrão de santidade dos Seus filhos, salvos em Jesus Cristo. Sem essa atitude radical de rompimento com o mundo não é possível entender coisa alguma de Deus como **Romanos 12.2** nos diz: ***“Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente, para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus”***. É esse padrão que é refletido nas vidas daqueles que afirmam ter recebido salvação da parte de Deus, através da pessoa de Jesus Cristo.

A mesma função que era exercida pela cortina no meio do acampamento dos israelitas, isto é, ser um sinal da presença de Deus no meio do povo, assim também a Igreja de Cristo tem a missão de ser sinal da presença soberana de Cristo no universo. Aquela cortina aponta para a nossa responsabilidade diante do mundo nesse sentido! Se não vivermos uma vida de separação radical do mundo, como é que poderemos cumprir nossa missão de sermos um testemunho para esse mesmo mundo? Lembremo-nos que o próprio Jesus disse: ***“Vocês são o sal da terra. Mas se o sal perder o seu sabor, como restaurá-lo? Não servirá para nada, exceto para ser jogado fora e pisado pelos homens. Vocês são a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade construída sobre um monte. E, também, ninguém acende uma candeia e a coloca debaixo de uma vasilha. Ao contrário, coloca-a no lugar apropriado, e assim ilumina a todos os que estão na casa. Assim brilhe a luz de vocês diante dos homens, para que vejam as suas boas obras e glorifiquem ao Pai de vocês, que está nos céus”*** (Mt 5.13-16). Se não agirmos à altura do nosso chamado o mundo não verá motivo algum para mudar, pois concluirá que nada há de diferente entre nós e ele. Em Atos 5.13 temos um exemplo desse tipo de testemunho que provoca ao mesmo tempo temor e admiração junto ao mundo. Hoje em dia é raro encontrarmos um testemunho desses que provoque tais reações ao nosso redor. Parece que a Igreja atual perdeu a sua autoridade espiritual diante do mundo em relação ao qual é dito que ela não pertence. Quando um não crente olha para a Igreja deveria passar pela sua mente as mesmas inquietações que passavam pelas mentes

dos israelitas quando olhavam para o Tabernáculo, ou seja, ele deveria dizer consigo mesmo: “Lá as coisas são diferentes, lá habita Deus, o Santo que é três vezes Santo”. A eficácia do testemunho da Igreja é diretamente proporcional à disposição que ela tem de se separar do mundo. Pequena separação é fraco testemunho e baixa eficácia. Porém, grande separação é poderoso testemunho e alta eficácia! Não há como alterar esse princípio. Essa é a primeira lição que aprendemos do fato de ter Deus ordenado que se fizesse uma cerca em torno do Tabernáculo.

Por isso, havendo uma única justiça verdadeira, simbolizada pelo linho fino branco, havia também a necessidade de se ter uma porta segura que desse acesso a essa justiça. Hoje em dia muitos pensam que por qualquer via, qualquer porta, se é possível chegar até Deus. Isso não é verdade e é tarefa da Igreja demonstrar isso de forma clara ao mundo.

As sessenta colunas que serviam de sustentáculo para a cortina tinham como fundamento sessenta bases feitas de bronze. Esse metal, muito denso e pesado, dava rigidez e firmeza para as colunas que se apoiavam sobre as bases. Todas as bases possuíam as mesmas dimensões e eram eqüidistantes umas das outras e isso fazia com que as colunas também estivessem à distância igual, umas das outras. Ou seja, o Tabernáculo possuía uma estrutura que seguia um padrão de ordenação. Isso nos conduz a uma segunda lição: quando a Igreja está vivendo segundo os princípios da Palavra, ela apresenta um padrão de ordenação onde um membro está em perfeito alinhamento com outro, não havendo espaço ou ocasião para o caos ou a desordem no seio da comunidade. Isso também contribui para o impacto do testemunho que a Igreja é chamada a dar. Todas as atividades e funções desempenhadas pela Igreja refletem essa característica tão singular do nosso Deus, como diz o apóstolo Paulo, ***“Mas tudo deve ser feito com decência e ordem... 33 Pois Deus não é Deus de desordem, mas de paz” (1Co 14.40 e 33)***. Um pré-requisito indispensável para essa ordem e eficácia do testemunho da Igreja e que está bem claro no Novo Testamento é o amor fraternal sincero e sem hipocrisia, como encontramos em **João 13.35**, que diz: ***“Com isso todos saberão que vocês são meus discípulos, se vocês se amarem uns aos outros”***, e também em **Romanos 12.9-10** onde lemos ***“O amor deve ser sincero. Odeiem o que é mau; apeguem-se ao que é bom. Dediquem-se uns aos outros com amor fraternal”***.

A eficácia daquelas colunas que sustentavam a cortina que cercava todo o Tabernáculo estava no fato que elas estavam embasadas num fundamento que era firme e inabalável, as bases de bronze. Da mesma forma, o testemunho da Igreja somente será eficaz à medida que a Igreja se mantém presa ao fundamento inabalável do amor fraternal recíproco. As bases de bronze são também um símbolo da obra completa de Cristo. Obra inabalável, cuja eficácia é inquestionável, que oferece uma base segura para a vida de qualquer um que queira construir sobre ela. Paulo mesmo compreendia assim a obra de Cristo quando argumentava com os crentes de Corinto:

“Conforme a graça de Deus que me foi concedida, eu, como sábio construtor, lancei o alicerce, e outro está construindo sobre ele. Contudo, veja cada um como constrói. Porque ninguém pode colocar outro alicerce além do que já está posto, que é Jesus Cristo” (1Co 3.10-11).

Um outro aspecto importante daquelas colunas é que do topo de cada uma partiam duas cordas que eram fincadas no solo por meio de duas estacas ou ganchos feitos de prata, sendo que uma ficava do lado de dentro do Tabernáculo e a outra do lado de fora. Essas duas cordas firmemente fincadas no solo também têm um significado espiritual para nós. Elas nos dizem que uma fé sadia estará sempre baseada na palavra e na oração. As duas realidades têm que andar juntas, são como as duas faces de uma mesma moeda. Sem apego à Palavra e sem se reservar tempo para oração não há vida cristã autêntica, eficaz e de testemunho poderoso que causa temor e admiração no mundo. O fato das duas cordas se dirigirem para dois lados opostos, uma para dentro do Tabernáculo e outra para fora, também encerra um significado espiritual. A nossa fé deve ser atuante e constante tanto dentro quanto fora da Igreja. Devemos sempre agir da mesma maneira, tanto diante dos homens quanto diante de Deus. Muitas vezes somos tentados a nos inclinar, a valorizar somente uma dessas direções. Isso é perigoso e a palavra de Deus no alerta sobre isso na carta aos Hebreus quando diz: ***“Assim, Jesus sofreu fora das portas da cidade, para santificar o povo por meio do seu próprio sangue. Portanto, saíamos até ele, fora do acampamento, suportando a desonra que ele suportou” (Hb 13.12-13).*** Na maioria das vezes a Igreja é tentada a negligenciar o seu testemunho do lado de fora de seus muros e fechar-se sobre si mesma. Nunca devemos nos esquecer que nosso testemunho de fé tem de ser eficaz nas duas direções: tanto dentro quanto fora das nossas fronteiras. Essas verdades estão todas sintetizadas na composição do número sessenta que podemos representar na forma de 2 x 3 x 10. Como já vimos, o número dois representa o testemunho, o número três é característico da Divindade e o número dez aponta para a responsabilidade. Reunindo os três conceitos pode-se formular a seguinte tese: nós temos a responsabilidade de dar testemunho da Divindade diante do mundo!

Outra verdade sobre as colunas do Tabernáculo: todas eram indispensáveis. Se apenas uma fosse retirada isso afetaria tanto a estrutura quanto a harmonia estética do conjunto. Já imaginou como ficaria a cortina naquele ponto onde uma das colunas tivesse sido retirada? Ela ficaria caída e o testemunho do Tabernáculo comprometido! Isso deve fazer-nos refletir em qual tem sido nosso comportamento com relação às outras colunas da nossa Igreja (nossos irmãos). Temos olhado para eles como parceiros, membros da mesma equipe, ou como concorrentes ferrenhos que devemos derrubar nos momentos de eleições para as mais diversas funções dentro do corpo? Será que somos daqueles que quando uma coluna cai (queda no pecado ou afastamento do convívio com os irmãos), não manifestamos a menor

reação no sentido de reerguê-la para que volte a ocupar a posição que lhe cabe, conforme ordenada por Deus, segundo o dom que lhe foi dado pelo Senhor? Isso afeta, substancialmente, o nosso testemunho do lado de fora. Há entre os chineses uma história que ilustra muito bem o que falamos até este ponto: certa vez os pés se queixaram com a boca dizendo o seguinte: “Nós temos que andar e, às vezes, correr o dia inteiro até ficarmos exaustos, enquanto você recebe o melhor e fica aí no ‘bem bom’!”. Ao que a boca replicou: “Se eu parasse de comer vocês não teriam condições de dar um passo sequer!” Com isso os pés se calaram. A distância entre a boca e os pés pode ser grande, mas eles estão mais intimamente ligados do que aparentemente parece. Dois dons tão distintos e com áreas de atuação tão distantes não parecem ter muita coisa a ver um com o outro. Essa dissociação é ilusória. Todos os dons estão mais intimamente ligados do que se pode imaginar. Talvez haja quem pense que limpar os bancos da igreja nada tenha a ver com o aconselhamento, que a pregação nada tem em comum com os serviços administrativos ou que o evangelismo não dependa em nada da decoração do santuário. Quem se der ao trabalho de meditar nessas diferentes áreas verá que no fundo elas têm um solo comum: a glória de Deus. Era isso que Paulo queria deixar claro na igreja de Corinto, uma igreja marcada por uma profunda divisão entre os seus membros, quando disse: ***“O corpo não é feito de um só membro, mas de muitos. Se o pé disser: ‘Porque não sou mão, não pertencço ao corpo’, nem por isso deixa de fazer parte do corpo. E se o ouvido disser: ‘Porque não sou olho, não pertencço ao corpo’, nem por isso deixa de fazer parte do corpo. Se todo corpo fosse olho, onde estaria a audição? Se todo o corpo fosse ouvido, onde estaria o olfato? De fato, Deus dispôs cada um dos membros no corpo, segundo a sua vontade. Se todos fossem um só membro, onde estaria o corpo? Assim, há muitos membros, mas um só corpo” (1Co 12.14-20)***. Outros há que pensam que a eficácia da Igreja depende de suas habilidades (inteligência, relacionamentos sociais, capacidade administrativa, uma condição de fato vantajosa em determinada área, etc). Pensar assim é cometer injustiça contra o próprio Deus. Por isso lemos em **2Timóteo 2.19** a seguinte verdade: ***“O Senhor conhece quem lhe pertence” e “afaste-se da iniquidade todo aquele que confessa o nome do Senhor”***. Não poderemos ser um testemunho se estivermos envolvidos com injustiças, ainda mais se essas injustiças ocorrem dentro das fronteiras cristãs.

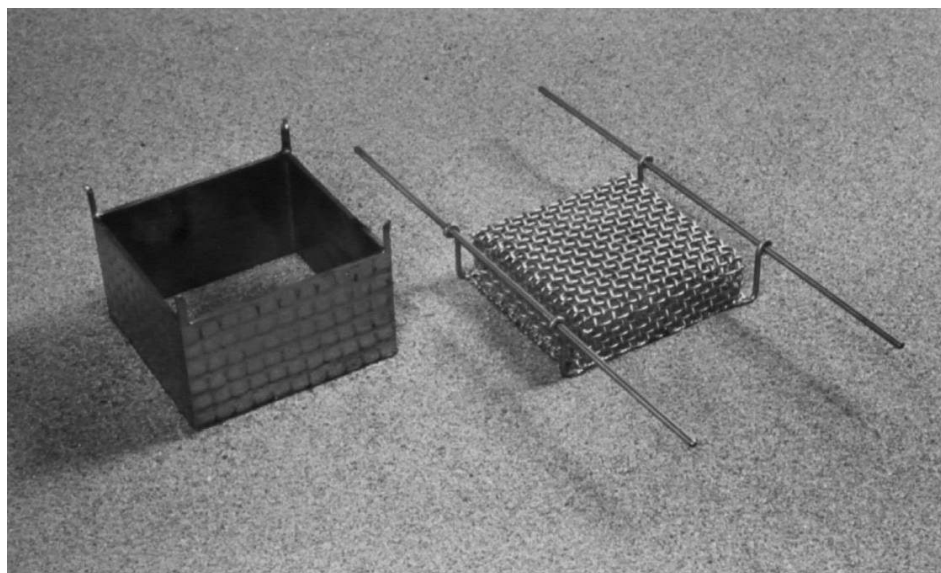
No topo de cada coluna era colocado um tipo de copo de prata (a prata era símbolo da redenção) cuja função era de revestimento e acabamento. Nada lemos a respeito de algum significado dessas peças na Bíblia, mas quando se olhava ao longe para o Tabernáculo via-se aquelas “cabecinhas (vergas) reluzentes de prata”, como se fossem pequenos pingos de chuva, a cortina branca e as bases de bronze. Outro detalhe interessante é que não dava para perceber a madeira que fora utilizada para a confecção das colunas. Isso suscita, espiritualmente falando, a seguinte pergunta: O

que será que as pessoas vêem quando observam nossas vidas? Será que elas vêem a madeira, o linho fino branco, que representa nossos atos de justiça, a cabecinha (a verga) de prata que aponta para a redenção efetuada por Cristo em nossas vidas, ou a base de bronze que o é símbolo da própria salvação operada em Cristo Jesus? O que será que elas vêem realmente?

Pode ser que alguns vejam somente a madeira e digam consigo mesmos: “Ele é apenas um homem como qualquer um de nós”. Se for assim devemos ouvir a exortação do apóstolo Paulo na carta que ele enviou a Tito. Em Tito 2.10 ele diz que devemos nos esforçar para exaltar a doutrina de Deus através de um viver honesto, por meio de um testemunho que atraia, assim como era ornamentado o próprio Tabernáculo, cuja simples presença no meio do povo também atraía. Mas para poder testemunhar dessa maneira precisamos viver próximos do nosso Deus, em comunhão constante com Ele. Uma ilustração diz o seguinte: um certo doutor **Charles**, um homem de Deus, estava visitando a cidade de Pasadena, na Califórnia, em determinada ocasião, afim de participar de um retiro espiritual. Como não havia atividades no retiro na parte da manhã, ele resolveu visitar o famoso “Jardim das Rosas”, um ponto turístico da cidade, onde permaneceu lendo, meditando e mantendo o seu espírito em comunhão com o seu Senhor. Após um lanche próximo ao jardim, retornou para o retiro para assistir à conferência que se realizava. Um homem ao seu lado dirigiu-lhe a palavra e disse: “Doutor Charles, eu sei onde o senhor esteve hoje pela manhã. O senhor esteve no jardim das rosas, não foi”? A razão dessa constatação por parte do estranho é que ele agora exalava o mesmo perfume que as rosas do jardim. Assim também ocorre conosco. Se nós ficarmos por algum tempo próximos de Deus, quando sairmos da sua presença, vai-se perceber que estivemos junto dele. Como a Bíblia diz em **2Coríntios 2.14-15**: ***“Mas graças a Deus, que sempre nos conduz vitoriosamente em Cristo e por nosso intermédio exala em todo lugar a fragrância do seu conhecimento; porque para Deus somos o aroma de Cristo entre os que estão sendo salvos e os que estão perecendo”***. Mas se não se reservar diariamente um tempo para ficar ao lado de Deus, aprendendo dEle, é impossível ser o bom cheiro de Cristo, ou seja, ser um bom testemunho da sua pessoa.

3

O Altar do Holocausto (Êxodo 27.1-8)



A descrição do altar do holocausto encontra-se em Êxodo 27.1-8. Nós diferenciamos dois tipos de altares no Tabernáculo. O primeiro que encontramos quando entramos pela porta é o altar do holocausto, que era feito de madeira de acácia e revestido com cobre. O outro altar, chamado de altar do incenso, também era de madeira de acácia, mas era revestido com ouro. Enquanto que o primeiro altar tinha sua localização no pátio, o segundo altar estava localizado no Lugar Santo. O primeiro representa a obra que Jesus fez por nós, ao passo que o segundo representa a obra que Ele está fazendo agora por nós. O primeiro representa o estágio da Sua humilhação e o segundo o estágio de Sua exaltação e Majestade. Isso encerra um princípio que também devemos aplicar em nossa vida. Primeiro, humilhação e somente depois, exaltação!

O altar do holocausto é uma figura da cruz de Cristo. Não existe vida abundante sem a presença da cruz. Os movimentos de avivamento modernos, que ensinam que não há preço para se alcançar uma vida avivada, não são bíblicos. Se uma pessoa não reconhece seu estado de miséria diante de Deus, não se humilha na Sua presença, ela nunca irá experimentar um avivamento verdadeiro e, por conseguinte, uma exaltação genuína. Então, temos aqui no Tabernáculo, já de início, esse princípio também. Reconhecemos esse mesmo ciclo na vida de nosso Senhor, que Se humilhou até a morte, como diz Filipenses 2.5-11, para, então, poder ter direito ao estado de exaltação. Foi na cruz que nosso Senhor pronunciou Sua palavra decisiva: “Está

consumado!” Sem passar pela cruz não há como Deus nos ofertar uma vida abundante e nem nos oferecer Sua comunhão. Essa possibilidade é totalmente dependente da cruz de Cristo. Tudo o que Deus pode fazer pela humanidade está vinculado à redenção operada por Cristo, mas onde não houver sangue e sacrifício (e a cruz simboliza tudo isso), não há possibilidade alguma de remissão. Esse é o argumento do autor da carta aos Hebreus em 9.22. Se olharmos para os dois primeiros tipos de ofertas que foram trazidas a Deus, conforme nos relata o livro de Gênesis, ofertas trazidas por Caim e Abel, nelas vemos duas posturas que aparecem na vida das pessoas após o pecado. Uma delas acha que a aproximação de Deus pode ser feita sem sacrifício intermediário algum. É isso que sugere a atitude de Caim e sua oferta. Por outro lado, há pessoas que já atingiram a consciência que sem sacrifício é impossível adorar, cultuar ou se aproximar de Deus. Isso é o que se deduz de Abel e sua oferta. Parece razoável que essa teria sido a razão pela qual a oferta de Caim foi rejeitada, enquanto que a de Abel foi aceita. Depreende-se daí que o problema não estava na oferta em si (as frutas de Caim ou as partes gordas das ovelhas trazidas por Abel), mas na consciência de cada um dos ofertantes. No âmago do Antigo Testamento há uma profunda consciência da necessidade de mediação para que o homem pecador possa se aproximar do Deus vivo. Por isso, há 374 menções da necessidade de sacrifício para que essa aproximação se realize. O Novo Testamento é unânime em afirmar que o sacrifício definitivo, do qual os sacrifícios do Antigo Testamento eram uma pré-figura, foi realizado de uma vez por todas por Jesus Cristo. Quem continua sustentando a tese de Caim, isto é, a não-necessidade de sacrifício, afronta o próprio Deus e se constitui Seu inimigo.

Meditando um pouco mais sobre a constituição do altar do holocausto percebemos uma outra verdade espiritual que muito nos impressiona. O altar era feito de madeira de acácia, uma madeira nobre e muito resistente. Apesar disso, ele necessitava ser revestido por um material ainda mais resistente. Nesse caso era o cobre. Isso por que os sacrifícios que eram oferecidos sobre esse altar eram totalmente consumidos pelo fogo e, por isso, o altar deveria possuir uma estrutura que suportasse esse contínuo castigo e não se deteriorasse. Se associarmos o altar sem revestimento algum, ou seja, somente com a estrutura de acácia, ao melhor dos homens que nasceu da descendência de Adão e Eva, e o altar revestido de cobre ao segundo Adão, isto é, Cristo, então a lição que aprendemos aqui é a seguinte: nem mesmo o melhor dos mortais teria condições de efetuar a nossa redenção, pois ele não seria capaz de suportar tamanho castigo em prol da humanidade! Essa incapacidade humana de se auto-redimir é mostrada por Isaías, quando ele diz: ***“Sim, a verdade sumiu, e quem se desvia do mal é tratado como presa. O Senhor viu isso, e desaprovou o não haver justiça. Viu que não havia ajudador algum, e maravilhou-se de que não houvesse um intercessor; pelo que o seu próprio braço lhe trouxe a salvação, e a sua própria justiça o susteve” (Is 59.15-16 – ARA).*** A superação desse entrave só foi possível porque em nosso lugar entrou um Homem

cuja estrutura é, espiritualmente falando, semelhante ao cobre que é capaz de suportar o fogo da ira de Deus sobre o pecado. O cobre que revestia o altar é símbolo da justiça de Cristo, pois somente a Sua justiça podia tanto cobrir os pecados como suportar a ira de Deus sobre o pecado. Para essa função, como disse acima Isaías, não havia homem algum sobre a face da terra que estivesse devidamente credenciado para tanto.

Vamos nos voltar agora para a geometria do altar, pois ela também tem lições preciosas a nos ensinar. Em **Êxodo 27.1-2**, encontramos a seguinte ordem da parte do Senhor quanto ao seu formato: ***“Faça um altar de madeira de acácia. Será quadrado, com dois metros e vinte e cinco centímetros de largura (cinco côvados) e um metro e trinta e cinco centímetros de altura (três côvados). Faça uma ponta em forma de chifre em cada um dos quatro cantos, formando uma só peça com o altar, que será revestido de bronze”***. O primeiro aspecto a se notar é que ele é um quadrado. Ao quadrado sabemos que está associado o número, pois possui os quatro lados iguais. Por outro lado, também sabemos que o número significa universalidade na Bíblia. Em face disso, concluímos que o sacrifício efetuado por Cristo é igualmente válido em qualquer parte do mundo, ou, em outras palavras, é válido nos quatro cantos da Terra. Seja na China, Rússia, Japão, França, Brasil, não importa. Ele é suficiente e válido para remir qualquer um em qualquer lugar que se encontre. O segundo aspecto a se notar é a presença de quatro chifres que deveriam ser fundidos (formar uma peça só) nos quatro cantos do altar. O chifre na Bíblia está associado com poder. Várias situações são referidas na Bíblia onde os chifres representam o poder de algo ou alguém em ação. Lemos isso, por exemplo, em Zacarias quando o profeta diz: ***“Depois eu olhei para o alto e vi quatro chifres. Então perguntei ao anjo que falava comigo: o que é isso? Ele me respondeu: ‘São os chifres que dispersaram Judá, Israel e Jerusalém’. Depois o Senhor mostrou-me quatro artesãos. Eu perguntei: O que eles vêm fazer? Ele respondeu: ‘Ali estão os chifres que dispersaram Judá ao ponto de ninguém conseguir sequer levantar a cabeça, mas os artesãos vieram aterrorizar e quebrar esses chifres das nações que se levantaram contra o povo de Judá para dispersá-lo”*** (Zc 1.18-21). Em Apocalipse 13 a besta é descrita como tendo dez chifres, ou seja, muito poder. Juntando, portanto, a idéia de universalidade (quatro chifres) com a idéia de poder, concluímos que o sacrifício de Cristo traz em si um poder de proporção universal. Ele manifesta poder em qualquer lugar do mundo. Não há igreja, por mais longínqua que esteja, geograficamente falando, dos grandes centros de tecnologia do mundo que não tenha ao seu dispor esse poder. Quando Jesus estava para subir ao Pai, após a sua ressurreição, Ele disse aos seus discípulos: ***“...fiquem na cidade até serem revestidos do poder do alto”*** (Lc 24.49). Paulo falou desse mesmo poder quando disse à igreja de Éfeso: ***“...não cesso de dar graças por vós, fazendo menção de vós nas minhas orações, para***

que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos conceda espírito de sabedoria e de revelação no pleno conhecimento dele, iluminados os olhos do vosso coração, para saberdes qual é a esperança do seu chamamento, qual a riqueza da glória da sua herança nos santos, e qual a suprema grandeza do seu poder para com os que cremos” (Ef 1.16-19 – ARA). Isso só se tornou possível por causa do poder da obra de Cristo. Esse poder já estava sendo pré-anunciado pelos quatro chifres presentes no altar. O terceiro aspecto que notamos no altar, devido ao fato de possuir quatro lados iguais, é o seu equilíbrio. Isso indica que Jesus era equilibrado. Em nós isso não ocorre, pois encontramos sempre um lado forte e um lado fraco em nossas personalidades. Ele, porém, era equilibrado em todos os sentidos. Ele não só era justiça, mas também misericórdia. Não somente santo, mas também amoroso. Se Deus fosse somente justo, ele deveria nos mandar para o inferno. Se fizesse isso continuaria sendo totalmente justo. Contudo, ele também é um Deus de amor e de misericórdia. Por ser assim, Ele então encontrou um meio de nos salvar, embora não mereçamos, sem deixar de ser justo. Isso deveria fazer-nos parar para refletir no seguinte ponto: nossa época tão dominada por pensamentos que sempre colocam o homem no centro de todas as coisas (pensamento antropológico), não hesita em tratar o homem como um coitadinho que não deveria ser punido no final da história, pois afinal ele é assim não porque ele quer, mas são as condições sociais que o tornam mau. É a falta de educação, saúde e nível social adequado para todos que são os grandes vilões da história, não o homem. Por isso, Deus não pode mandar o homem para o inferno porque isso não seria justo, aliás isso seria ir contra o seu próprio ser, pois a Bíblia ensina que Deus é amor! No final das contas, Deus não faz mais que a obrigação em salvar toda a humanidade! Esse é o ponto de vista de um pensamento que sempre trata o homem como aquele que foi jogado nessa situação, não tendo ele culpa alguma de ter chegado onde chegou. Já para os escritores da Bíblia o problema é exatamente o oposto. Isso porque eles partem da premissa de que Deus, não o homem, é quem está no centro do universo. E não um Deus amoral, isto é, que não está interessado nas questões que envolvem o certo e o errado. Por isso, por ser Ele um Deus moral e sendo o homem culpado e não inocente diante de Deus, como é que ele irá sair dessa situação que, aparentemente, parece insolúvel? Como poderá Deus, sendo um Deus totalmente justo e moral, salvar o homem, que é injusto e imoral, e ainda continuar totalmente justo? A boa teologia sustenta, com todo o preço que terá de pagar, essas duas verdades, que nunca deveremos separar: Deus é amor e Deus é justiça. O Antigo Testamento já se adianta em nos afirmar isso bem cedo: ***“Cantarei a bondade e a justiça; a ti, Senhor, cantarei” (Sl 101.1 – ARA).*** Deus é bondoso e justo ao mesmo tempo. Nós, ao contrário, somos extremistas. Há momento em que somos muito rígidos (em linguagem religiosa diríamos “legalistas que se guiam somente pela letra”) e só sabemos acusar e cobrar, faltando-nos o amor. Jesus disse o seguinte aos fariseus em certa ocasião: ***“Ai de vocês, mestres da lei e fariseus, hipócritas! Vocês dão o***

dízimo da hortelã, do endro e do cominho, mas têm negligenciado os preceitos mais importantes da lei: a justiça, a misericórdia e a fidelidade. Vocês devem praticar estas coisas, sem omitir aquelas” (Mt 23.23). Esse texto nos mostra claramente que somos pessoas desequilibradas, isto é, não há uma harmonia em todos os aspectos da nossa personalidade igual àquela que havia em Jesus. É isso que vemos ilustrado no altar do holocausto.

Quando olhamos para o interior do altar há um detalhe a mais que reforça e ilustra essa idéia de equilíbrio do nosso Deus. No seu interior havia uma grelha feita de cobre que era utilizada para colocar o sacrifício que seria consumido pelo fogo do altar. A altura que a grelha estava do chão no interior do altar era a mesma altura em que estava a mesa dos pães e a Arca da Aliança, dos quais iremos tratar mais adiante. Ora, no altar do holocausto nos deparamos com a justiça de Deus, na mesa dos pães com a bondade de Deus e na Arca da Aliança com a misericórdia de Deus. Que coisa maravilhosa! Todos estão a uma mesma altura, isto é, estão harmoniosamente dispostos dentro do Tabernáculo, estão equilibrados entre si. Isso quer nos ensinar que os atributos do nosso Deus (justiça, bondade e misericórdia) encontram-se em perfeita harmonia nEle. Por isso a altura da grelha coincidia perfeitamente com a altura da mesa dos pães e com a altura da arca em relação ao chão. Ainda bem que o nosso Deus é assim, pois se Ele fosse somente justo, saberíamos de antemão para onde, com certeza, Ele teria que nos mandar! No entanto, em Seu amor, Ele decide sacrificar a Si mesmo para que possamos voltar a ter comunhão com Ele.

Agora nos voltaremos para o cheiro que deveria constantemente vir do altar e que era percebido por todos que entravam no Tabernáculo pela única porta de acesso, pois isso também encerra para nós uma lição profunda e importante. É claro que aquele aroma não deveria ser nem um pouco agradável, uma vez que era resultado da queima dos sacrifícios. É provável que também aí haja um propósito de Deus. Ao deixar as coisas exatamente assim, talvez Ele quisesse que nos conscientizássemos do fato que o pecado, seja qual for, sempre cheira mal. O prazer que ele proporciona por alguns momentos sempre é seguido pelo mau cheiro e pelo amargor que provoca posteriormente. A relação custo-benefício é altamente desvantajosa para nós, visto que a recompensa que o pecado nos dá é simplesmente a morte, como nos diz a Bíblia: ***“Pois o salário [a recompensa] do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Rm 6.23).*** E, além disso, ele ainda causa separação entre nós e o nosso Deus, ou seja, ele rompe a nossa comunhão com o nosso Salvador e impede as nossas orações, como está escrito: ***“Vejam! O braço do Senhor não está tão encolhido que não possa salvar, e o seu ouvido tão surdo que não possa ouvir. Mas as suas maldades separaram vocês do seu Deus; os seus pecados esconderam de vocês o rosto dele, e por isso ele não os ouvirá” (Is 59.1-2).***

Portanto, assim como as nossas orações sobem para Deus como cheiro suave, do mesmo modo os nossos atos de pecados sobem para Deus como um cheiro ruim, um cheiro de morte.

Toda pessoa que vive no pecado, qualquer que seja ele, como adultério, mentiras, fornicção, ou qualquer outro, sempre está pagando um preço alto por isso: morte e separação de Deus. Para sanar a situação somos introduzidos a um princípio ainda mais misterioso: a remoção do pecado só é possível por meio de uma vítima pura e inocente. Vemos isso toda vez que um israelita que havia pecado se aproximava do sacerdote com a sua oferta pelo pecado cometido. **Levítico 5.5** afirma o seguinte a esse respeito: ***“Quando alguém for culpado de qualquer dessas coisas, confessará em que pecou e, pelo pecado que cometeu, trará ao Senhor uma ovelha ou uma cabra do seu rebanho como oferta de reparação; e em favor dele o sacerdote fará propiciação pelo pecado cometido”***. A oferta era um animal, que havia sido por ele criado durante um bom tempo e que agora teria que ser entregue em seu lugar e a seu favor para que a sua culpa, proveniente do pecado, pudesse ser coberta e paga. Antes do sacrifício do animal era necessário que houvesse a transferência do pecado do pecador para a vítima. Isso era feito através da imposição das mãos do pecador sobre a vítima inocente. É provável que o ofertante, no momento em que transferia o seu pecado para o animal inocente, chegasse a pensar consigo mesmo: “Esse animal não fez coisa alguma para merecer essa morte. Ele está aqui simplesmente para pagar por um ato que fui eu que cometi, não ele. Ele vai morrer para garantir que eu não seja afastado eternamente do meu Deus”. Deveríamos pensar mil vezes antes de aceitar certas propostas que querem simplesmente nos levar para o pecado. Hoje nós sabemos muito bem quem aquele animal representava. Ele era a prefiguração do nosso Jesus, a vítima inocente que o próprio Deus proveu para sofrer uma morte tão vergonhosa em nosso lugar e nos trazer de volta para aquela comunhão com Deus que havia sido perdida. Não adianta se perguntar se as coisas poderiam ser resolvidas de uma outra forma, por um outro caminho. As obras de Deus são perfeitas. Se o problema do pecado teve de ser solucionado desta forma tão brutal é porque, com certeza, não havia outro caminho possível.

Muitos, porém, perguntam: se Deus é amor, então por que ele simplesmente não pode nos aceitar, perdoar e acabar com tudo sem que ninguém tenha que morrer? Mas isso seria desprezar um princípio que Deus já havia deixado bem claro desde o início da humanidade. Lembremo-nos do exemplo de Caim e Abel, conforme já abordado anteriormente, que são exemplos desses dois tipos de mentalidade que existem há muito tempo sobre a face da terra. Um acha que a aproximação com Deus pode ser feita sem a necessidade de mediador ou qualquer espécie de sacrifício (esse é Caim), já outro reconhece que aproximar-se de um Deus que é chamado de infinitamente santo (três vezes santo) não é possível, senão por meio da mediação

feita através de uma vítima pura e inocente (esse é Abel). A ilustração a seguir mostra isso muito bem:

Certo dia uma jovem foi detida por excesso de velocidade. Ela recebeu uma notificação de multa e teve que comparecer diante de um juiz. No tribunal o juiz leu a acusação e estabeleceu a sentença de condenação: R\$ 200,00 de multa ou dez dias de detenção. Ela não tinha condições de pagar a multa e sentia pavor da possibilidade de passar dez dias na cadeia. No entanto, para a surpresa de todos, aconteceu um fato admirável. O juiz levantou-se do seu lugar, tirou a sua toga de juiz, dirigiu-se à moça e, retirando do bolso a sua carteira, pegou duzentos reais e pagou a multa. Dessa forma, a moça se livrou da condenação. A explicação para tal fato era que o juiz também era o pai da moça! Ele amava profundamente a sua filha, mas, ao mesmo tempo, também era um juiz íntegro e não poderia simplesmente ignorar ou passar por cima das exigências da lei porque era seu pai e a amava muito. Se houvesse feito isso não poderia ser considerado um juiz honesto e de confiança. Essa ilustração mostra, até certo ponto, o que Deus teve que fazer por nós: ser justo a ponto de não ignorar ou invalidar a sua própria lei e ser misericordioso a tal ponto que não poderia abandonar o pecador às conseqüências do seu pecado. E isso conseguiu Ele por meio de seu único filho, Jesus Cristo, conforme nos ensina as Escrituras: ***“Portanto, agora já não há condenação para os que estão em Cristo Jesus, porque por meio de Cristo Jesus a lei do Espírito de vida me libertou da lei do pecado e da morte. Porque, aquilo que a Lei fora incapaz de fazer por estar enfraquecida pela carne, Deus o fez, enviando seu próprio Filho, à semelhança do homem pecador, como oferta pelo pecado. E assim condenou o pecado na carne, a fim de que as justas exigências da Lei fossem plenamente satisfeitas em nós, que não vivemos segundo a carne, mas segundo o Espírito” (Rm 8.1-4).***

Deus não pode aceitar o homem pecador no estado em que se encontra, sob pena de ser considerado um juiz desonesto e não merecedor de confiança. Também o homem que pensa poder se apresentar diante dEle fiando-se em qualquer coisa que não seja o meio que Ele mesmo providenciou, blasfema contra Ele. Os que insistem em confiar em alguma espécie de boa obra se tornam inimigos da cruz de Cristo.

Podemos aprender mais uma lição do momento da oferta pelo pecado no altar do holocausto. Lembremo-nos que o momento crítico era o da transferência do pecado do pecador para o animal, que era a vítima inocente encarregada de levar aquele pecado sobre si, reabilitando o pecador a continuar em comunhão com Deus. Isso é mencionado em Levítico 5.5 e 16.21. Isso nos remete a uma situação em voga em muitas igrejas, hoje em dia. Muitas delas praticam cerimônias de imposição de mãos sobre alguns indivíduos em determinadas ocasiões. Quanto a isso há uma advertência no Novo Testamento para que tal prática não seja exercida de forma imprudente. Paulo assim recomenda a Timóteo no tocante a esse assunto: ***“Não se***

precipite em impor as mãos sobre ninguém e não participe dos pecados dos outros. Conserve-se puro” (1Tm 5.22). Esse texto nos previne a respeito da seguinte consequência: assim como havia transferência de pecado entre o pecador e a vítima de expiação, de alguma forma misteriosa, que não nos foi explicado o processo de ocorrência, podemos nos tornar co-participantes dos pecados de outros quando somos associados a essas pessoas por meio de uma cerimônia de imposição de mãos!

Tudo isso deve nos mover em direção a Jesus para lhe agradecermos por essa tão grande demonstração de amor por nós. Agradeceremos pela obra que Ele realizou em nosso lugar e a nosso favor e que nunca poderíamos fazer. Isso é amor e graça incondicional que nos são oferecidos por Deus em Cristo Jesus. Nossa resposta de amor deve ser uma vida de total dedicação a Ele procurando, diariamente, nos apresentar diante dele de uma forma digna, esforçando-nos para sermos agradáveis em tudo. E essa nova relação com Deus através de Jesus deve ser o modelo que devemos seguir em nossas relações de uns para com os outros.

Essa obra de Deus a meu favor por meio da cruz de Cristo é um fato que não se altera em função das condições ao meu redor ou dentro de mim. A minha segurança eterna está firmada não em uma base instável, como as emoções, mas numa base sólida, um ato que Deus praticou na História e que jamais poderá ser mudado. É daí, e somente daí, que vem a nossa certeza de salvação eterna. Paremos para pensar um pouco na noite da redenção no Egito. A ordem era para que cada família israelita matasse um cordeiro macho de um ano e sem defeito e depois pegasse do seu sangue para passar na estrutura da porta de suas casas. Quando o anjo destruidor passasse naquela noite ele não entraria naquelas casas em que visse o sangue. Isso é fé! Quem estava do lado de dentro da casa não via o sangue. Mas isso não importava. O que importava era que Deus via o sangue e isso era o suficiente. Naqueles momento decisivos, quando se ouviam gritos de desespero por todo o Egito, as emoções de muitos se alteraram, mas a fé na Palavra de Deus, que dissera que na casa em que visse o sangue Ele não entraria, era a única garantia de passar a salvo por toda aquela situação. O dilema era: em que você vai procurar se garantir e confiar? Na palavra de Deus ou nas suas emoções? Venceram aqueles que não deram ouvidos às emoções ou qualquer outra coisa e confiaram exclusivamente na palavra de Deus. Aleluia!

Quando hoje nós decidimos confiar somente na obra realizada na cruz estamos agindo igual àquele israelita na noite de redenção no Egito. Nós também não devemos olhar para dentro de nós, como que procurando algo onde possamos nos apoiar. As Escrituras já nos alertaram que aí não encontraremos nada de bom (veja Romanos 7). Pelo contrário, a atitude correta é olhar para fora de nós, para a cruz como diz o seguinte texto: ***“Portanto, também nós, uma vez que estamos rodeados por tão grande nuvem de testemunhas, livremo-nos de tudo o que nos atrapalha***

e do pecado que nos envolve, e corramos com perseverança a corrida que nos é proposta, tendo os olhos fitos em Jesus, autor e consumidor da nossa fé” (Hb 12.1-2). Notemos a ênfase do texto: “Olhar para Jesus”, uma clara referência à Sua cruz no contexto de Hebreus. Não são nossos supostos merecimentos que podem garantir a nossa aceitação diante de Deus, mas, somente, a justiça infinita alcançada pelo filho de Deus na cruz. Isaías expressou isso nas seguintes palavras: **“Todos os nossos atos de justiça são como trapo imundo” (Is 64.6).** E disso todos nós precisamos nos conscientizar: a obra de Cristo é plenamente suficiente para você e para mim. Somente ela é que nos garante acesso à presença de Deus. Qualquer outra coisa é mentira.

Quando estamos em oração, precisamos nos basear naquilo que Jesus fez e realizou e nos achegarmos à presença de Deus em nome de Jesus. É interessante notar no ritual de expiação que uma parte do fogo que ardia no altar do holocausto era tomado e usado para acender o fogo do altar do incenso. E nós sabemos que a fumaça proveniente da queima do incenso é símbolo da oração dos santos. Isso quer dizer que a oração que Deus tem prazer em ouvir de alguma forma tem que estar associada ao altar do holocausto, isto é, à cruz. As ações de graça que proferimos em nossas orações são tão mais cheirosas diante de Deus quanto mais estiverem impregnadas da cruz. São esses conteúdos que devem predominar a nossa linguagem quando estivermos em oração diante do Pai. Esse fato nos ensina em que direção devem caminhar nossas orações.

Ainda podemos tirar outra lição dessa situação. O sacerdote tinha que manter a chama do altar do holocausto continuamente acesa. Ela nunca podia se extinguir. Precisamos manter essa chama acesa em nós e nos voltarmos constantemente para a cruz de Cristo. Isso é feito quando reservamos tempo para meditar sobre tudo que aconteceu por nós. Essa meditação reaviva aquelas verdades em nossas mentes que Deus gostaria que nunca esquecêssemos: nós éramos escravos de Satanás, do mundo e do pecado. Vivíamos com medo da morte e dominados por toda espécie de paixões. Mas um dia, Deus, por causa do Seu grande amor e misericórdia, desceu dos céus e, através da obra realizada na cruz por Seu Filho, nos livrou de todas essas potestades que nos dominavam e escravizavam. Ao mesmo tempo em que isso é maravilhoso, desperta em nós uma pergunta: o que Deus requer de mim em resposta a tudo isso que fez por mim? A resposta é clara: **“Ele mostrou a você, ó homem, o que é bom e o que o Senhor exige: pratique a justiça, ame a fidelidade e ande humildemente com o seu Deus” (Mq 6.8).** Isso é plenamente possível quando aceitamos o sacrifício de Jesus por nós e passamos a amá-lo acima de qualquer outra coisa (mãe, pai, esposa, esposo, filhos, amigos, profissão, etc). Quanto mais O amamos mais essa chama fica acesa em nós.

Certamente, tudo o que foi dito não faz sentido algum para os que estão de fora da salvação. Em 1Coríntios lemos o seguinte a esse respeito: **“Pois a mensagem da**

cruz é loucura para os que estão perecendo, mas para nós, que estamos sendo salvos, é o poder de Deus” (1Co 1.18). A maneira de manter constantemente ativo esse poder em nós é viver cada dia na perspectiva da cruz!

4

A Bacia de Bronze (Êxodo 30.17-21)



O próximo objeto que encontramos no Tabernáculo após o altar de bronze é a bacia de bronze. Ela é descrita em Êxodo 30.17-21. A sequência desses objetos é de causar estranheza, a ponto de perguntarmos: por que será que a bacia de bronze foi colocada **depois** do altar do holocausto e não antes? Creio que qualquer um pessoalmente, se pudesse determinar a ordem desses objetos, colocaria a bacia de bronze **antes** do altar do holocausto. Isso porque pensamos assim: o pecador que pretende se aproximar de Deus deve primeiro se limpar e por isso, nada mais natural que colocar a bacia antes e não depois do altar. Embora isso pareça lógico, não é esse o pensamento das Escrituras Sagradas. A razão é que o Evangelho da Bíblia é diferente. Ele não exige que o pecador se limpe completamente antes de se aproximar de Deus porque isso ele não pode realizar. Aliás, se pudesse a obra de Jesus seria desnecessária. A essência do Evangelho é: *“Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados e eu vos aliviarei” (Mt 11.28 – ARA)* e não “Vinde a mim todos vós que estais limpos, mas cansados, e eu vos aliviarei”. O pecador, seja ele quem for, não importando como está, pode se aproximar do Deus santo. E isso já é indicado no Antigo Testamento pela posição em que foi colocada a bacia de bronze no interior do Tabernáculo. A posição da bacia de bronze é a

garantia de que podemos nos alcançar como estamos, que encontraremos braços abertos e a solução para as nossas vidas em Jesus Cristo.

A bacia de bronze dirige-nos para a essência do Evangelho, já a sua posição no interior do Tabernáculo aponta para o momento ideal para o batismo do pecador que se apresenta diante de Deus. E isso tem sérias implicações para nós hoje em dia. Há aqui um grave desvio do padrão bíblico. Nossas igrejas têm o mau hábito de adiar o batismo de uma pessoa alegando que ela precisa passar por uma classe de doutrinação para refinar e garantir a conversão genuína do pecador. Algumas até dizem que não podem batizar quem fuma, quem bebe, que não tem uma vida de pureza sexual e assim por diante. Em princípio isso não parece ser problema algum e indica uma preocupação verdadeira com a pureza da Igreja. No entanto, a mesma igreja que recusa as águas do batismo para quem ainda fuma é a mesma igreja que batiza quem guarda ódio ou cobiça no coração. O problema para elas é que o ódio e a cobiça ninguém vê, ao passo que o fumar, por exemplo, é algo visível para todos. A questão é: diante de quem devemos dar nosso testemunho em primeiro lugar? Diante de Deus ou diante do mundo? É claro que diante de Deus. Ora, se Deus nos chamou ao batismo assim como nós estamos, quem é que pode se colocar **acima** de Deus e nos rejeitar a água do batismo? Teoricamente ninguém, mas algumas igrejas estão se colocando nessa posição!

Nós recebemos o perdão dos pecados no altar do holocausto, através do derramamento do sangue e, somente depois, vem a bacia de bronze. E isso tem a ver com o que podemos aprender de **João 13.10** que diz: ***“Respondeu Jesus: ‘Quem já se banhou precisa apenas lavar os pés; todo o seu corpo está limpo’*”**. A lição que devemos aprender é que primeiro recebemos a purificação dos pecados no altar do holocausto e somente depois é que vem a bacia de bronze com a água para nos limpar e nos preparar para o serviço do Senhor. O fato da bacia de bronze estar depois do altar do holocausto e diante do Lugar Santo aponta para isso. Deus mesmo havia ordenado que o Lugar Santo seria um lugar de ministério e serviço e isso por meio dos objetos que lá foram colocados: o candelabro, a mesa dos pães e o altar do incenso. Esses três objetos têm a ver com o ministério, com o servir. Na mesa dos pães e no altar do incenso está representado o ministério da Igreja ao Senhor, ao passo que o candelabro, indicador de luz, aponta para a missão da Igreja diante do mundo. Essa missão da Igreja ao mundo é claramente indicada por nosso Senhor quando diz: ***“Vocês são a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade construída sobre um monte. E, também, ninguém acende uma candeia e a coloca debaixo de uma vasilha. Ao contrário, coloca-a no lugar apropriado, e assim ilumina a todos os que estão na casa. Assim brilhe a luz de vocês diante dos homens, para que vejam as suas boas obras e glorifiquem ao Pai de vocês, que está nos céus”*** (Mt 5.14-16). Para desempenharmos nossa missão no mundo precisamos estar limpos, como lemos em **Isaías 52.11**: ***“Afastem-se, afastem-se,***

saíam daqui! Não toquem em coisas impuras! Saíam dela e sejam puros, vocês, que transportam os utensílios do Senhor". Aqueles que têm esse desejo de servir ao Senhor devem cuidar para que se apresentem sempre limpos diante dEle.

Na Bíblia Scofield há um comentário sobre João 13.10 sobre os verbos “banhar” e “lavar” que têm significados diferentes na língua original, o grego. “Banhar” vem do grego *louō* (λούω), que significa uma purificação completa, um banho completo, e “lavar” vem de *niptō* (νίπτω) que é a palavra costumeira no Novo Testamento para indicar o lavar das mãos e dos pés (ver, por exemplo, Mt 15.2, Jo 9.15 e 1Tm 5.10). A imagem que temos aqui é da cena comum no Oriente, onde uma pessoa que estava fora retorna para a sua casa (lembremo-nos que as ruas daquela época não tinham asfalto e chovia pouco). Nessas condições, seus pés estariam sujos e precisavam ser lavados, mas não o seu corpo. Do mesmo modo, um crente que é purificado diante da lei tem todos os seus pecados perdoados, apagados de uma vez por todas (Hb 10.12-14), necessita somente confessar, diariamente, aqueles pecados que porventura tenha praticado naquele dia para que a sua comunhão com o Pai e com o Filho não seja interrompida. O sangue de Cristo resolve, de uma vez por todas, tudo o que a lei não tinha poder para fazer no tocante ao pecado na vida de uma pessoa. Temos essa verdade de forma bem clara em **Romanos 8.3-4** que diz: ***“Porque, aquilo que a Lei fora incapaz de fazer por estar enfraquecida pela carne, Deus o fez, enviando seu próprio Filho, à semelhança do homem pecador, como oferta pelo pecado. E assim condenou o pecado na carne, a fim de que as justas exigências da Lei fossem plenamente satisfeitas em nós, que não vivemos segundo a carne, mas segundo o Espírito”*** e também em **Hebreus 10.11-14**, que fala do mesmo assunto – a eficácia do sacrifício de Cristo: ***“Dia após dia, todo sacerdote apresenta-se e exerce os seus deveres religiosos; repetidamente oferece os mesmos sacrifícios, que nunca podem remover os pecados. Mas quando este sacerdote [Cristo] acabou de oferecer, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à direita de Deus. Daí em diante, ele está esperando até que os seus inimigos sejam colocados como estrado dos seus pés; porque, por meio de um único sacrifício, ele aperfeiçoou para sempre os que estão sendo santificados”***. Apesar dessa eficácia, o crente necessita de constante purificação da sujeira do pecado que comete diariamente. A ordem em que os objetos do Tabernáculo foram dispostos, indicando a forma correta de se aproximar de Deus, obedece a certos princípios espirituais que não devem ser alterados ou negligenciados: primeiro o altar de bronze, onde se realiza a purificação definitiva do pecado e depois a bacia de purificação, onde se realiza a manutenção dessa purificação (Êx 40.6, 7 e também Êx 30.17, 21).

Essa purificação, realizada na bacia de bronze, está relacionada com o serviço que devemos realizar diante do Pai. Naquele contexto, esse serviço era exclusivo dos sacerdotes. Eles ministravam nessa área. Essa purificação contínua dos que

ministravam diante do altar está prescrita em **Êxodo 30.19-21**, que diz: ***“Arão e seus filhos lavarão as mãos e os pés com a água da bacia. Toda vez que entrarem na Tenda do Encontro, terão que lavar-se com água, para que não morram. Quando também se aproximarem do altar para ministrar ao Senhor, apresentando uma oferta preparada no fogo, lavarão as mãos e os pés para que não morram. Esse é um decreto perpétuo, para Arão e os seus descendentes, geração após geração”***.

Esse era um risco que todo sacerdote corria, se não se purificasse conforme as prescrições acima. Tão importante era esse pré-requisito para uma aproximação garantida à presença de Deus. Observe ainda que a bacia de bronze funcionava como uma espécie de espelho, onde os sacerdotes se olhavam e podiam perceber onde havia sujeira que deveria ser lavada e purificada antes de entrar na presença do Senhor para ministrar.

Nós, crentes do Novo Testamento, temos um equivalente na carta de Tiago no que diz respeito a esse espelho. Diz ele: ***“Sejam praticantes da palavra, e não apenas ouvintes, enganando-se a si mesmos. Aquele que ouve a palavra, mas não a põe em prática, é semelhante a um homem que olha a sua face num espelho e, depois de olhar para si mesmo, sai e logo esquece a sua aparência. Mas o homem que observa atentamente a lei perfeita, que traz a liberdade, e persevera na prática dessa lei, não esquecendo o que ouviu, mas praticando-o, será feliz naquilo que fizer”*** (Tg 1.22-25). Temos também em Paulo uma alusão à lavagem cerimonial do Antigo Testamento, relacionando-o com a Palavra. Em sua carta aos Efésios Paulo assim se expressa: ***“Maridos, ame cada um a sua mulher, assim como Cristo amou a igreja e entregou-se por ela para santificá-la, tendo-a purificado pelo lavar da água mediante a palavra”*** (Ef 5.25-26). Assim como eles precisavam de um espelho para ver como estavam diante de Deus, nós temos o espelho da Palavra que nos mostra como devemos andar diante do Senhor. Essa palavra tem, então, entre outras, as seguintes funções: espelho para que vejamos como estamos diante de Deus e banho que vai nos purificando de toda a injustiça.

Aqueles que se comparam com o padrão da Palavra é que estão fazendo progressos diante de Deus. São eles que chegam, muitas vezes, às seguintes conclusões após um auto-exame monitorado pela Palavra: “Nessa área, ainda tenho coisas para mudar, se eu quiser glorificar ao meu Pai celestial”. Quem não examina e não medita na Palavra nunca vai conseguir reconhecer-se de verdade. Por isso devemos viver uma vida de lavagem contínua e não deixar acumular sujeira. Em nossas casas temos o hábito de deixar acumular certa quantidade de roupa suja, para depois levarmos à máquina de lavar. Na vida cristã esse pensamento não é correto. Tão logo apareça uma mancha de sujeira, onde quer que seja e do tamanho que for, devemos, imediatamente, tratar de removê-la por meio da confissão ao Senhor. Se não fizermos isso, nosso serviço e ministério ficam comprometidos diante dele. Graças a Deus que Ele providenciou nossa “bacia de bronze” com água suficiente e

adequada para as purificações que porventura sejam necessárias. Até as nossas orações ficam impedidas quando não damos a devida importância a isso. Em **Isaías 1.15**, lemos o seguinte a esse respeito: ***“Quando vocês estenderem as mãos em oração, esconderei de vocês os meus olhos; mesmo que multipliquem as suas orações, não as escutarei! As suas mãos estão cheias de sangue!”*** E como podemos ter certeza que as nossas mãos não estão cheias de sangue? A Bíblia nos diz na primeira carta de João o seguinte: ***“Meus irmãos, não se admirem se o mundo os odeia. Sabemos que já passamos da morte para a vida porque amamos nossos irmãos. Quem não ama permanece na morte. Quem odeia seu irmão é assassino, e vocês sabem que nenhum assassino tem a vida eterna em si mesmo”*** (1Jo 3.13-15). Lembremo-nos de Caim nesse ponto. João menciona a única maneira de garantirmos que não temos sangue em nossas mãos. Para que isso aconteça precisamos estar sempre nos comparando com o padrão de vida apresentado na palavra de Deus. E nesse sentido o Tabernáculo tem uma mensagem atual, relevante e eterna para todos os filhos de Deus: sem santidade não é possível servir a Deus e nem perceber Deus agindo nas situações. A santidade é como uma lente que nos possibilita ver as coisas sem distorção e em sua real grandeza!

Não é o propósito de Deus que os Seus filhos fiquem eternamente no pátio do Tabernáculo e não avancem em direção ao Lugar Santo. Contudo, para que essa caminhada em direção ao Lugar Santo se realize é necessário um grau maior de santificação a cada passo que é dado naquela direção.

Passar pela bacia de bronze significa necessidade de se ver como de fato se é. Significa ter que ouvir certas verdades que nem sempre estamos dispostos a admitir. Significa estabelecer alvos e propósitos de santidade para áreas específicas da vida. E significa, também, a superação dos falsos conceitos de bondade que temos a nosso respeito. Significa, enfim, adquirir um senso de medida justa em relação a nós mesmos: ***“Por isso, pela graça que me foi dada digo a todos vocês: Ninguém tenha de si mesmo um conceito mais elevado do que deve ter; mas, ao contrário, tenha um conceito equilibrado, de acordo com a medida da fé que Deus lhe concedeu”*** (Rm 12.3). Os fariseus cometeram o erro de não aceitar o confronto com a Palavra e, assim, não eliminaram a impureza de seu interior. Eles até tinham o entendimento correto da Palavra, a ponto de ensinarem corretamente e alcançarem o reconhecimento do próprio Jesus, mas não se submeteram a esse entendimento. Se não quisermos cometer o mesmo erro que eles cometeram, devemos não somente olhar no espelho da Palavra de Deus, mas procurar viver de modo coerente com o entendimento dela que alcançamos até o presente momento. Essa é uma condição fundamental para o nosso crescimento espiritual e para a realização eficaz do nosso serviço diante de Deus.

Um dado interessante é que não encontramos prescrições de medidas para a bacia de bronze. Uma possível razão para isso é que, sendo a palavra de Deus

ilimitada em toda a sua extensão, então não caberia especificar medidas para a bacia. Não havia um padrão para a bacia. Quem nunca passou pela experiência de um novo entendimento de determinado trecho da Palavra que lhe era tão conhecido, tão “batido”, como dizemos muitas vezes? É essa capacidade de auto-renovação da Palavra que está refletida na bacia de bronze e que renova aqueles que ministram no altar. Nenhum mortal jamais a esgotará. Nunca cairemos na rotina com ela! Ela também tem o poder de nos consolar, seja aos dez anos, seja aos oitenta anos. Não importa quem somos, o que somos e quão velhos sejamos, ela sempre tem algo no ponto e na medida para nós. Ela nos convida para conhecer tanto o infinito quanto Aquele que é infinito!

Antes de continuarmos, vamos esclarecer a composição da bacia de bronze. O que denominamos bronze é uma designação genérica para diversas ligas metálicas à base de cobre e estanho. O bronze em si, portanto, não é encontrado pronto na natureza como é o cobre, o ferro, o chumbo e outros metais. Esse esclarecimento é necessário para não criar confusão na mente do leitor um pouco mais exigente quanto aos aspectos científicos da questão e também para o próximo ponto que vamos abordar.

Outro aspecto singular da bacia de bronze que queremos ressaltar aqui é que ela era feita de cobre polido, cobre esse fornecido pelas mulheres, pois elas possuíam espelhos que eram construídos à base desse cobre. A tecnologia do vidro ainda não era conhecida. Temos aí mais uma grande lição: quando eles resolveram entregar para o Senhor aquilo que era de grande valor para eles, essa dádiva ao Senhor se tornou num grande instrumento de trabalho diante do Senhor. E como essa “oferta” veio da ala feminina do antigo Israel, pensamos que grande efeito não causará na obra do Senhor se mulheres se apresentarem diante dEle para ofertarem do seu melhor para Ele. Isso é graça! Deus dá do Seu melhor para nós e nós Lhe devolvemos ações de graça, isto é, o nosso melhor.

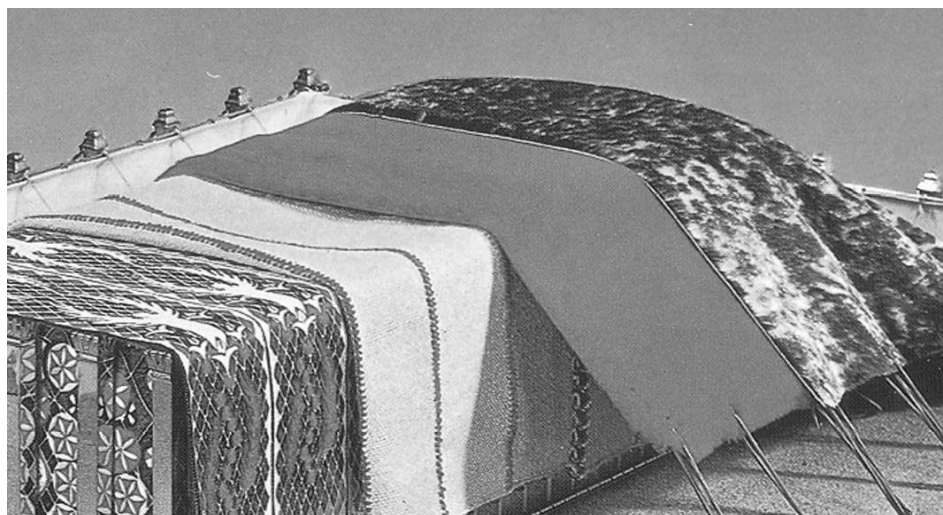
Simplificando: Para nós, essa bacia de bronze é o caminho da santificação. Precisamos aplicar todas as lições que aprendemos da bacia de bronze em todo o nosso viver. Até a nossa vida de oração ficará completamente comprometida se não lhe dermos a devida atenção. Se persistirmos na idéia de servirmos a Deus com um coração sujo, podemos ter certeza que Ele não irá nos atender. Não seremos capazes de tomar atitudes de fé. Teremos uma vida cristã estéril. Como sabemos, a bem-aventurança consiste em termos um coração limpo diante de Deus conforme nos diz a Palavra: **“Bem aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus” (Mt 5.8 – ARA)**. A comunhão com Ele é somente através de uma vida santificada. Esse é o segredo: passar pela bacia de bronze. Mas isso só funcionará para aqueles que estiverem dispostos a se submeter a lavagens diárias, quando forem necessárias.

Em **Deuteronômio 17.18-20** há uma prescrição para todo rei que ascendia ao trono de Israel: ***“Quando subir ao trono do seu reino, mandará fazer num rolo, para o seu uso pessoal, uma cópia da lei que está aos cuidados dos sacerdotes levitas. Trará sempre essa cópia consigo e terá que lê-la todos os dias da sua vida, para que aprenda a temer o Senhor, o seu Deus, e a cumprir fielmente todas as palavras desta lei, e todos estes decretos. Isso fará que ele não se considere superior aos seus irmãos israelitas e que não se desvie da lei, nem para a direita, nem para a esquerda. Assim prolongará o seu reinado sobre Israel, bem como o dos seus descendentes”***. Eis aí o segredo de uma vida bem sucedida e de um avivamento genuinamente bíblico: olhar continuamente para a Palavra com o firme propósito de sustentá-la na prática do dia-a-dia. O servir abençoado começa antes de entrarmos no Lugar Santo. Vale lembrar também que a árvore que está dando fruto é aquela que está sendo limpa pelo Senhor. E Ele a limpa pela água da Palavra para que ela dê mais frutos ainda. Temos então um ciclo: Produzimos frutos em virtude do desafio da Palavra e, como resultado, vem uma nova limpeza para que produzamos mais frutos.

Portanto, antes de entrarmos no santo lugar necessitamos passar pela bacia, ter a água da Palavra operando em nossas vidas, a qual está nos preparando para entrarmos no serviço, qualquer que seja.

“Uma vez que vocês chamam Pai aquele que julga imparcialmente as obras de cada um, portem-se com temor durante a jornada terrena de vocês. 15Mas, assim como é santo aquele que os chamou, sejam santos vocês também em tudo o que fizerem, 16pois está escrito: ‘Sejam santos, porque eu sou santo’” (1Pe 1.17,15-16).

As Cobertas do Tabernáculo (Êxodo 26.1-14)



No Tabernáculo tudo tem relação com Cristo. Por isso, as cortinas do Tabernáculo também apontam para Jesus. Além das cortinas, havia também quatro camadas de tecidos que funcionavam como cobertas sobre o Tabernáculo. Trataremos de cada uma delas individualmente. A primeira, que era vista de fora, era feita da pele de animais marinhos; a segunda era feita da pele de carneiros; a terceira de pele de cabras e a quarta, que só podia ser vista por dentro do Tabernáculo, era feita de linho fino retorcido. Tínhamos então uma espécie de sanduíche: a camada mais externa que ficava por cima, a camada mais interna que só era visível por dentro do Tabernáculo e as outras duas camadas que ficavam entre essas.

A primeira coberta, que era feita de animais marinhos, aponta para Jesus conforme indica o livro de **Isaías 53.1-2**, que diz:

“Quem creu em nossa mensagem? E a quem foi revelado o braço do Senhor? Ele cresceu diante dele como um broto tenro, e como uma raiz saída de uma terra seca. Ele não tinha qualquer beleza ou majestade que nos atraísse, nada havia em sua aparência para que o desejássemos”.

Quando o povo olhava para o Tabernáculo via somente a camada mais externa dos tecidos que o cobriam. Essa camada, quanto ao aspecto estético, não causava boa impressão (Isaías 53.2). Apesar disso, aquela cobertura feita de animais marinhos funcionava como uma camada impermeabilizante, pois não permitia a passagem de água da chuva, umidade ou partículas de poeira para dentro do

Tabernáculo. Portanto, não tinha beleza, mas funcionava perfeitamente. Isso era o que importava. Ainda hoje as primeiras avaliações que alguém faz de Cristo são semelhantes à reação expressa no texto de Isaías. Para essas pessoas, Cristo e as coisas de Deus não são atraentes, não fascinam, não chamam à sua atenção. De fato, no início, eles não vêem nada de interessante. Somente aqueles que começam a conhecer a Cristo é que descobrem a beleza dEle, aquela beleza que, semelhante às outras camadas de tecido que ficam sob a primeira, só pode ser vista de dentro e nunca de fora. É preciso chegar-se a Cristo para perceber toda a grandeza e fascínio que Ele exerce sobre os Seus. As coisas de Deus só podem ser percebidas do lado de dentro. E isso foi ensinado pelo próprio Jesus:

“Os judeus ficaram admirados e perguntaram: Como foi que este homem adquiriu tanta instrução, sem ter estudado? Jesus respondeu: O meu ensino não é de mim mesmo. Vem daquele que me enviou. Se alguém decidir fazer a vontade de Deus, descobrirá se o meu ensino vem de Deus ou se eu falo por mim mesmo” (Jo 7.15-17).

Esse aspecto das verdades espirituais que há em Cristo está refletido no Tabernáculo no fato de que a cortina mais bem trabalhada – a de linho fino retorcido que era multi-colorida e possuía querubins bordados em alto relevo – ser visível somente para quem podia entrar no Tabernáculo. Naquela ocasião isso era possível somente para os sacerdotes e para o sumo sacerdote. Na atual dispensação isso não é mais privilégio de alguns, mas está disponível para todos quantos quiserem.

Fazendo um paralelo com a Igreja, ocorrem as mesmas reações. De fora, a Igreja muitas vezes não atrai, não parece ser um ambiente interessante que provoque desejo em alguém de frequentá-lo. Os que não são da fé não têm condições de avaliar a importância da presença da Igreja no mundo. Para eles, ela não passa de mais um grupo social que possui características singulares como qualquer outro grupo. Para nós, contudo, a situação é totalmente outra. Sem a presença da Igreja, este mundo estaria condenado a uma corrupção total. Paulo enxerga essa co-relação de grandeza e abundância entre Cristo e sua Igreja quando afirma:

“A mim, o menor de todos os santos, me foi dada esta graça de pregar aos gentios o Evangelho das insondáveis riquezas de Cristo e manifestar qual seja a dispensação do mistério, desde os séculos, oculto em Deus, que criou todas as coisas, para que, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus se torne conhecida, agora, dos principados e potestades nos lugares celestiais” (Ef 3.8-10 – ARA).

Por outro lado, aqueles que conhecem Cristo ficam maravilhados com a imensa riqueza que há nEle. Como Ele é puro. Como não há a menor sombra de injustiça nEle. Em suma, Ele é perfeito. É isso que atrai qualquer coração. Todavia, naquele contexto, somente os sacerdotes é que percebiam essa riqueza. No entanto, havia um

detalhe: Somente quando ele olhava para cima é que percebia essa maravilha. Nisso há uma lição para nós também. Somente se olharmos para cima é que poderemos ver as coisas na perspectiva correta. Olhar em qualquer outra direção sempre vai causar distorção. Em relação à Igreja ocorre algo semelhante. Se olharmos para a Igreja somente pela perspectiva humana vamos desanimar. Temos a impressão de que a vida dos ímpios é que é boa e que servir a Deus de nada adianta. Quando, porém, olhamos para a Igreja pela fé, então ocorre algo diferente. As forças contrárias não mudam, mas nós mudamos e mudamos para melhor. No Salmo 73, o salmista passou por uma experiência semelhante. Após descrever todos os seus pensamentos e sentimento de inveja dos ímpios nos primeiros dezesseis versículos, ocorre uma reviravolta no versículo dezessete: ***“...até que entrei no santuário de Deus, e então compreendi o destino dos ímpios” (Sl 73.17)***. Foi no ambiente da Igreja verdadeira que sua mente, antes ofuscada pela situação, voltou à lucidez espiritual. Enquanto ele andava cabisbaixo, o desânimo ia se apoderando dele, mas quando resolveu entrar na Igreja, isto é, olhar para o alto, então tudo se encaixou nos seus devidos lugares.

Algo interessante brota quando comparamos **Deuteronômio 29.5**, que diz: ***“Durante os quarenta anos em que os conduzi pelo deserto, disse ele, nem as suas roupas, nem as sandálias dos seus pés se gastaram”***, com **Ezequiel 16.10**, onde Deus reclama de Israel, sua esposa infiel: ***“Também te vesti de roupas bordadas, e te calcei com peles de animais marinhos e te cingi de linho fino e te cobri de seda” (ARA-1ª Ed.)***. A conclusão é que esse material, pele de animais marinhos, era uma material resistente. Aquilo que Deus usou para si no Tabernáculo, Ele também ofereceu ao seu povo. Assim também, se nós estivermos em Cristo estaremos totalmente protegidos, pois Ele é o melhor que Deus tinha para nos oferecer. Com isso Deus nos protege de todos os males e tudo o que for contrário ao crescimento da nossa vida diante dEle. Nada que o inimigo faça terá poder de nos derrubar, conquanto que façamos a nossa parte de permanecermos firmes em Cristo. Tudo isso aprendemos da primeira camada de tecidos sobre o Tabernáculo, a qual era feita de pele de animais marinhos.

A segunda camada de tecido era feita de pele de carneiro e tingida de vermelho. Enquanto a primeira enfatiza a proteção de Deus sobre o seu povo, essa fala da devoção de Cristo. Essa devoção extrema de Jesus a Deus tem seu ponto descrito por Paulo em **Filipenses 2.5-8** da seguinte forma:

“Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz” (ARA).

Sua entrega foi tão completa que superou qualquer oferta jamais feita no universo a Deus. Ao contrário de Adão, que era homem e quis ser igual a Deus, induzido por sentimentos e intenções satânicas, Cristo, que já era Deus, de livre e espontânea vontade quis ser Homem e Servo obediente até a morte e morte de cruz. Por isso Seu sacrifício é de valor infinito e satisfaz plenamente às exigências de Deus. A tinta vermelha com que foi tingida essa segunda camada era produzida a partir do esmagamento de um inseto do qual saía um líquido de cor vermelho intenso.

Quando Abraão, num momento de devoção e entrega absoluta se prontificou a sacrificar o seu próprio filho para agradar a Deus, o Senhor supriu um carneiro no lugar de Isaque para aquele sacrifício. Esse acontecimento era uma antecipação figurada daquela entrega total perfeita que seria feita séculos mais tarde. Essa disposição para obedecer incondicionalmente, essa insistência em se manter entregue a Deus é uma característica que marca toda vida que tem a Jesus Cristo como seu Senhor. E o grande desafio para o povo de Deus em todos os tempos é sempre o mesmo: até que ponto estamos dispostos a obedecer incondicionalmente à vontade d'Aquele que dizemos ser o nosso Senhor e até que ponto evitamos certas entregas. Alguns, infelizmente, insistem em querer trocar essa obediência por alguma forma de sacrifício que, julgam eles, seja equivalente e alegremente recebido por Deus em lugar daquela obediência. Foi exatamente esse o caso do rei Saul que, após desobedecer a uma ordem expressa de Deus dada através do profeta Samuel, quis arrumar uma forma de compensar a sua rebeldia em relação ao Senhor. E qual foi a palavra que Samuel disse a Saul naquela ocasião? Essa foi a palavra:

“Samuel, porém, disse: Tem, porventura, o Senhor tanto prazer em holocaustos e sacrifícios, como em que se obedeça à palavra do Senhor? Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar, e o atender melhor é do que a gordura de carneiros. Porque a rebelião é como o pecado de feitiçaria, e o porfiar é como iniquidade e idolatria. Porquanto tu rejeitaste a palavra do Senhor, ele também te rejeitou, a ti, para que não sejas rei” (1Sm 15.22-23 – ACF).

Quando Pedro ainda não era convertido e, portanto, não compreendia bem os planos de Deus, chegou a aconselhar Jesus a fazer o contrário daquilo para o qual Ele tinha sido enviado. Quando o plano de Deus estava caminhando para o ponto mais crítico, Pedro disse: ***“Nunca Senhor! Isso nunca te acontecerá!”*** E a resposta de Jesus foi imediata: ***“Para trás de mim, Satanás! Você é uma pedra de tropeço para mim, e não pensa nas coisas de Deus, mas nas dos homens” (Mt 16.22,23).*** Essa é, então, a essência da segunda cobertura do Tabernáculo. O texto nos fala da disposição de entrega que havia em nosso Senhor, a ponto de levá-LO a entregar a Sua própria vida para nos salvar. Por isso não temos somente a proteção em Jesus, mas Ele também nos garante a justificação. Pois por causa dessa obra, dessa entrega total, Ele nos justifica e nos veste com a sua justiça. Esse é o

significado simbólico dessa cobertura feita de pele de carneiro e tingida com tinta vermelha.

A terceira camada era formada por uma cobertura feita de pêlo de cabra que vinha por cima da cobertura feita de linho. Ela aponta para Jesus no que diz respeito ao aspecto substitutivo e reconciliador de sua obra. A cabra era usada nos rituais onde havia-se cometido pecado sob dois aspectos: sobre ela o pecador punha a sua mão para que o seu pecado fosse transferido e, assim, ela assumisse o lugar do pecador (esse é o aspecto substitutivo); em seguida o animal era sacrificado, a dívida do pecado era então apagada e o pecador reconciliado com o seu Deus (esse era o aspecto reconciliador). No Novo Testamento, Paulo aplica essa mesma figura a Cristo quando diz:

“Ora, tudo provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo e nos deu o ministério da reconciliação, a saber, que Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões, e nos confiou a palavra da reconciliação. De sorte que somos embaixadores em nome de Cristo, como se Deus exortasse por nosso intermédio. Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilieis com Deus. Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus” (2 Co 5.18-21 – ARA).

Essa cobertura tinha características diferentes das demais, pois ela era formada a partir de cinco peças e de outras seis peças, conforme descrição na passagem de Êxodo. Como sabemos o número cinco é o número da graça, enquanto que o seis é o número do homem. Essa é a oferta: a graça quer entrar na vida do homem para que ele possa ser reconciliado com Deus e com o seu próximo. Essa oferta, que serviu de substituição para o pecado, é mencionada vinte e oito vezes na Bíblia. Essa cobertura era constituída de duas partes distintas: uma delas era formada de cinco cortinas unidas umas às outras, enquanto que a outra parte era formada de seis cortinas igualmente unidas umas às outras. Tínhamos, então, onze cortinas ao todo que, devidamente ligadas através de colchetes, uniam a parte formada de cinco sub-peças à parte formada por seis sub-peças. Cem colchetes de bronze, cinquenta em cada uma delas, uniam uma parte à outra. Mas a pergunta que surge é: por que exatamente cinquenta colchetes? Qual a razão disso? Não é difícil descobrirmos qual o significado deles se nos lembramos que foi exatamente depois de cinquenta dias após a ressurreição de Cristo que ocorreu a descida do Espírito Santo na festa de Pentecostes.

É possível que a explicação para que haja exatamente dois grupos de cinquenta colchetes esteja no fato de que é na Igreja, que os dois grupos pelos quais o mundo antigo era dividido segundo a Bíblia – os judeus e os gentios, seriam reunidos. A maravilha é que isso já era previsto no Antigo Testamento quando consideramos

como foi formada a terceira cobertura do Tabernáculo. Isso também significa que uma reconciliação plena entre Israel e os gentios poderá acontecer, apesar da inimizade existente. Essa rixa judeu-gentio é vista na seguinte passagem do Novo Testamento: ***“Quanto ao Evangelho, eles são inimigos por causa de vocês; mas quanto à eleição, são amados por causa dos patriarcas” (Rm 11.28)***. Essa distinção, porém, não frustrou o plano de Deus uma vez que vemos uma amostra dessa reconciliação em outra passagem da Bíblia:

“Portanto, lembrai-vos de que, outrora, vós, gentios na carne, chamados incircuncisão por aqueles que se intitulam circuncisos, na carne, por mãos humanas, naquele tempo, estáveis sem Cristo, separados da comunidade de Israel e estranhos às alianças da promessa, não tendo esperança e sem Deus no mundo. Mas, agora, em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, fostes aproximados pelo sangue de Cristo. Porque ele é a nossa paz, o qual de ambos fez um; e, tendo derribado a parede da separação que estava no meio, a inimizade” (Ef 2.11-14 – ARA).

As coberturas do Tabernáculo já são um sinal da natureza da Igreja. É uma comunidade de reconciliação e de reconciliados. Os cinquenta colchetes mostram como pedaços separados podem se unir para formar um todo harmônico. Os pedaços se tornaram um. E é maravilhoso perceber como Deus tornou isso uma realidade dentro da fragmentada comunidade humana. E Ele juntou dois opostos, que eram impossíveis de reconciliar por meios humanos e, uma vez mais, fez muito mais do que queríamos ou pudéssemos imaginar. Portanto, é somente na Igreja que existe a possibilidade de se operar reconciliação num nível que nenhum estratagema humano poderá realizar. É sobrenatural no sentido que está além das possibilidades humanas. Isso é a graça de Deus em ação. Aquele que nega reconciliação àquele que foi reconciliado com Deus se coloca contra o próprio Deus e exclui a si mesmo da comunidade dos reconciliados. Quem diria que aquela coberta de cabra estivesse encobrindo tanto! O fato de essa coberta ser feita de duas partes significa que aquele que tem disposição para perdoar e se reconciliar com outro recebe uma porção dobrada da graça para viver assim. Talvez seja por isso que todo aquele que foi reconciliado com Deus seja conclamado a se reconciliar também com o seu próximo. É a graça atuando na vertical e na horizontal. Na visão bíblica da obra de Deus não faz parte apenas uma das duas direções.

Vamos enumerar tudo o que descrevemos até agora. A primeira cobertura fala da proteção em Cristo Jesus, a segunda fala da justificação nEle e a terceira fala da reconciliação em Cristo.

Outro detalhe que devemos observar é que os profetas geralmente usavam como roupa exatamente esse pêlo de cabra. Elias, em **2Reis 1.8**, é descrito nesses termos: ***“Ele vestia roupas de pêlos e usava um cinto de couro”***. Por isso a essência da

mensagem dos profetas era de que o povo precisava voltar e se reconciliar com Deus. Contudo, como sabemos da história, o povo nem sempre voltou para o seu Deus. A tarefa que era atribuída aos profetas no passado é, hoje, incumbência da Igreja. Ela é a embaixadora e a embaixada de Deus na terra que oferece a reconciliação realizada por Deus em Cristo para todo aquele que quiser.

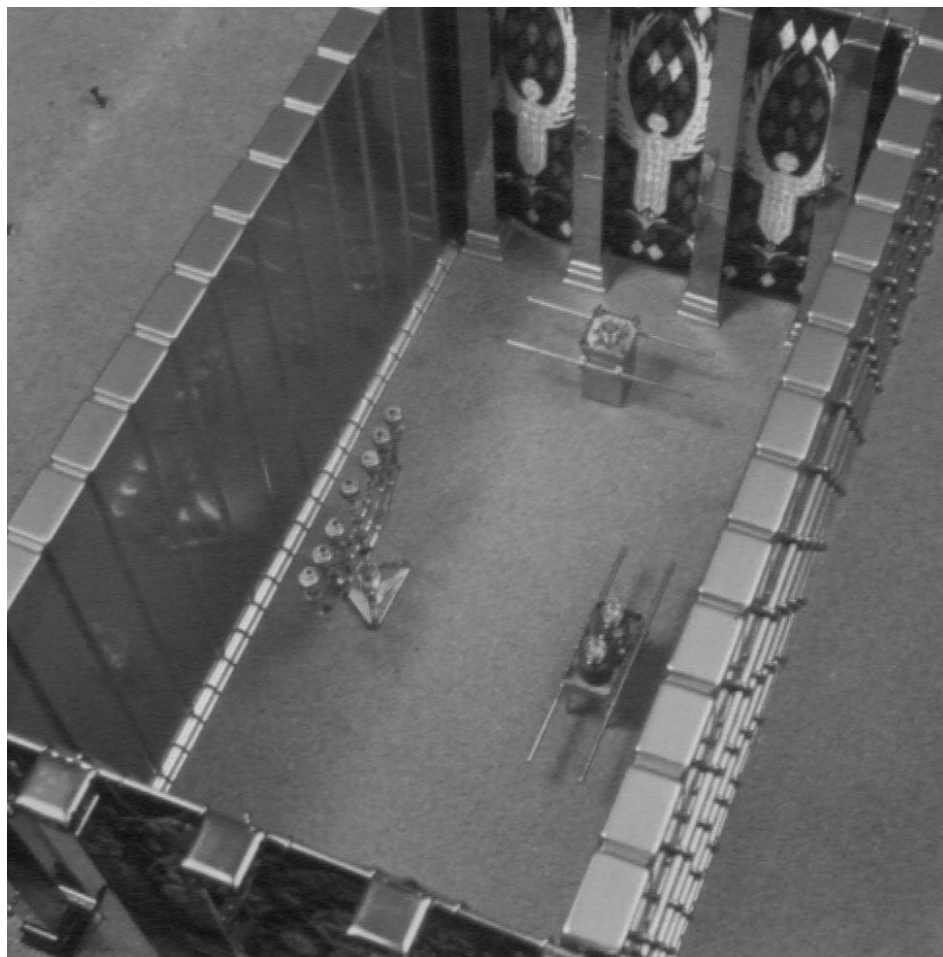
Como estamos vendo até agora, tudo que estava incorporado no Tabernáculo tinha um significado maravilhoso. Tinha a sua razão de ser. Essa obra que precisou de tantos acessórios para ser representada é levada a efeito por meio do ministério do Espírito Santo. É Ele quem convence o mundo do pecado, da justiça e do juízo. Nenhum outro instrumento tem poder de penetrar tão fundo na natureza humana. Somente Ele é quem consegue fazer com que um pecador irado abraça um outro que abriga ódio em seu coração. Esse milagre é somente Ele quem pode realizar, pois somente Ele consegue remover a ira e o ódio do coração humano. É muito importante que cada um se coloque a serviço do Espírito onde quer que se encontre: seja na igreja, em casa, na escola ou na vida profissional. Aquele que possui o Espírito é portador de paz, reconciliação e perdão. Ele anda segundo essa verdade:

“E não entristeçais o Espírito de Deus, no qual fostes selados para o dia da redenção. Longe de vós, toda amargura, e cólera, e ira, e gritaria, e blasfêmias, e bem assim toda malícia. Antes, sede uns para com os outros benignos, compassivos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus, em Cristo, vos perdoou” (Ef 4.30-32 – ARA).

É maravilhoso ver Jesus refletido de forma tão variada, profunda e rica no Tabernáculo. Que essa multiforme sabedoria de Deus, pré-anunciada já no Antigo Testamento por meio do Tabernáculo, nos incentive cada vez mais a nos alimentarmos de Jesus Cristo e Suas verdades.

6

O Lugar Santo



Até agora falamos das coisas concernentes ao pátio e tudo que é necessário para a salvação do pecador. Se tomarmos o exemplo do altar do holocausto, lembramo-nos do sacrifício que Jesus fez para nos salvar. Ele nos salvou com um propósito conforme nos é dito na primeira carta de Paulo aos Tessalonicenses:

“...pois eles mesmos, no tocante a nós, proclamam que repercussão teve o nosso ingresso no vosso meio, e como, deixando os ídolos, vos convertestes a Deus, para servirdes o Deus vivo e verdadeiro” (1Ts 1.9 – ARA – ênfase acrescentada).

Portanto, isso fica bem claro: nós fomos salvos para servir ao Deus vivo. Assim, quando falamos das coisas relativas ao pátio nos referimos a todas as coisas concernentes à salvação. Agora adentraremos ao Lugar Santo e, a partir desse momento, falaremos das coisas relativas ao serviço que aqueles que já foram salvos têm prazer de realizar para o seu Senhor.

Como já mencionamos, o Tabernáculo foi dividido em três partes: o pátio, o Lugar Santo e o Lugar Santíssimo. Essa tripartição, refletida em outras partes da Bíblia como já tivemos oportunidade de comentar, é encontrada também em **Marcos 12.30**, que diz:

“Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma, de todo o seu entendimento e de todas as suas forças”.

O homem é composto de três elementos ou partes: corpo, alma e espírito e diante do texto acima nosso envolvimento no serviço de Deus deve ocorrer nessas três esferas de nossa existência. É por isso que o Tabernáculo possuía três entradas: a entrada para o pátio, a entrada para o Lugar Santo - a qual era separada do pátio por uma cortina e onde somente os sacerdotes poderiam passar para realizar o seu ministério - e a entrada para o Lugar Santíssimo, que era separada do Lugar Santo por um véu e que somente o sumo sacerdote, uma vez por ano, no dia da expiação, poderia atravessar.

Quando nos aproximamos da entrada do Lugar Santo, notamos que ela possuía cinco colunas. É interessante notar que eram cinco e não quatro ou seis. Por exemplo, para a entrada do Lugar Santíssimo, onde estava colocado o véu, havia quatro colunas. Todavia, aqui na entrada da habitação de Deus, a Sua casa, havia cinco colunas. Quando lemos o Novo Testamento, verificamos que quando se trata das coisas relativas à casa de Deus, encontramos instruções precisas de como proceder nela, justamente nas cartas que são escritas por cinco autores: Paulo, Pedro, João, Tiago e Judas. Isso já estava prefigurado no Tabernáculo. No pátio foi realizada a salvação e ela nos é explicada pelos Evangelhos. Notemos que o mistério da casa de Deus não é revelado nos Evangelhos, mas somente depois, nas cartas. É por isso que não temos uma instrução completa nos Evangelhos de como nos comportar na igreja, pois isso somente foi revelado depois. Lemos em **Efésios 3.5** o seguinte: ***“Esse mistério não foi dado a conhecer aos homens doutras gerações, mas agora foi revelado pelo Espírito aos santos apóstolos e profetas de Deus”***. Não estamos aqui querendo diminuir o valor de uma parte das Escrituras em detrimento de outras, mas encontramos muitos pastores ensinando somente os Evangelhos nas igrejas e relegando as cartas a um segundo plano. E é justamente nelas que encontramos instruções precisas de como devemos nos comportar na casa de Deus. Veja o que diz Paulo em **1Timóteo 3.15** a esse respeito: ***“mas, se eu demorar, saiba como as pessoas devem comportar-se na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, coluna e fundamento da verdade”***.

Vamos, então, entrar no Lugar Santo, comentando antes sobre as tábuas do Tabernáculo. Isso pode ser encontrado em **Êxodo 26.15-34**. Na entrada do Lugar Santo, encontramos cortinas do mesmo padrão e aquelas cores na entrada da porta principal do Tabernáculo, isto é, a porta que dá acesso ao pátio. Lembremos que o

pátio descreve a humilhação da pessoa de Cristo e somente depois vem a exaltação. Esse é um princípio de suma importância na Bíblia: não há glória sem humilhação. Portanto, as cores que encontramos aqui nas cortinas da entrada para o Lugar Santo descrevem o Jesus ressuscitado. Ele morreu pelos nossos pecados, Se fez sacrifício por nós, mas agora é Aquele que foi ressuscitado por Deus, o único que possui a vida da era vindoura e que a dá a quem Ele quiser. E é no Lugar Santo que Sua vitória e exaltação nos são apresentadas. Lembremo-nos que todas as peças do Lugar Santo eram revestidas de ouro, ao passo que as peças que se encontravam no pátio eram todas revestidas de cobre. Já dissemos que o cobre foi escolhido para compor esses utensílios porque ele é um dos poucos elementos que resiste ao fogo, sendo, por isso, apropriado para simbolizar o fogo do juízo de Deus que Jesus teve que suportar por nós. Agora, porém, na condição de exaltado encontramos as peças que a simbolizam na cor dourada, pois o ouro é um metal precioso que traz exaltação e glória para quem o possui, sendo, então, apropriado para descrever essa fase da obra de Cristo.

Resumindo: Essas cinco colunas representam aqueles cinco escritores do Novo Testamento que nos legaram as cartas nas quais encontramos todas as orientações e diretrizes que os cristãos precisam para saber como devem servir e se comportar na casa de Deus, que é a Sua Igreja. Na entrada do Lugar Santo, encontramos as colunas e as cortinas de quatro cores. É interessante notar que a descrição aparece nesta ordem: primeiro as cortinas e, depois, as colunas. Nisso há uma lição para nós: quem quiser servir a Cristo primeiro precisa reconhecê-LO em seu viver, isto é, recebê-LO como Senhor de sua vida. Sem essa aceitação prévia pode até haver boa intenção, mas o serviço já está comprometido. Deve haver a disposição de honrá-LO por parte de todo aquele que deseja servi-LO por meio de uma submissão total a Ele. Somos apenas simples servos e ferramentas que Ele utiliza para seus propósitos. Isso deve ser reconhecido logo de saída.

O Tabernáculo foi construído com quarenta e oito tábuas de madeira de acácia: vinte do lado sul, vinte do lado norte, seis do lado oriental e duas nos cantos. A madeira de acácia seria chamada em nossa cultura de madeira de lei, isto é, uma espécie de madeira que resiste ao tempo e às intempéries (chuva, umidade, altas e baixas temperaturas) sendo, por isso, símbolo da incorruptibilidade. As tábuas possuíam dois encaixes cada uma e duas bases de prata. Cada tábua possuía quatro metros e meio de comprimento e setenta centímetros de largura. Também nelas está refletida a figura de Cristo. Cristo é o único mediador entre Deus e os homens e o Tabernáculo era o lugar de encontro entre Deus e os homens. Pensemos no que aconteceu com essas árvores. Inicialmente, elas estavam plantadas num solo, cujas raízes penetravam fundo. Podemos dizer que elas tinham comunhão profunda com o solo em que estavam arraigadas. Veio alguém que as arrancou dali, depois as serrou e as aparelhou. Somente depois é que se tornaram as tábuas que entraram na

formação do Tabernáculo. Assim também ocorreu conosco. Nós estávamos arraigados no mundo das trevas e tínhamos profunda comunhão com ele (nossas obras más provam isso). Veio, porém, Cristo que nos arrancou do reino das trevas (com raiz e tudo) e nos plantou num novo solo (o reino de Deus) para que, assim, pudéssemos formar com os demais o Tabernáculo de Deus na terra, isto é, a Sua Igreja. Lembremo-nos que o número quarenta e oito (o total de tábuas) pode ser escrito na forma $6 \times 8 = 48$. O número seis sempre representa o homem (o homem foi criado no sexto dia) e o número oito representa uma nova era (apenas oito pessoas foram salvas do Dilúvio para habitar no novo mundo que surgiu das águas). Podemos dizer, então, que Deus começou uma nova era com a fundação da Igreja. Vejamos o que dizem duas passagens do Novo Testamento a esse respeito. A primeira, em **Colossenses 1.13**, diz: ***“Pois ele nos resgatou do domínio das trevas e nos transportou para o Reino do seu Filho amado”***; a segunda, em **1Pedro 2.5**, diz o seguinte: ***“...vocês também estão sendo utilizados como pedras vivas na edificação de uma casa espiritual para serem sacerdócio santo, oferecendo sacrifícios espirituais aceitáveis a Deus, por meio de Jesus Cristo”***. Tanto o primeiro processo (ser arrancado de um reino) quanto o segundo (ser pedra bruta que precisa ser lapidada) são doloridos. Nós conhecemos esse processo todo como santificação. É nesse processo de lapidar a pedra bruta e aplinar a tábua que muitas vezes Deus utiliza os mais diversos instrumentos. Alguns desses instrumentos são pessoas que estão bem perto de nós e nos conhecem muito bem. Em **Provérbios 27.17** lemos o seguinte: ***“Assim como o ferro afia o ferro, o homem afia o seu companheiro”***. Entendemos então que Deus quer que essas tábuas humanas se encaixem umas nas outras fazendo assim uma unidade, um conjunto harmônico e funcional. Quer que cada tijolo da construção da casa de Deus seja assentado de forma que caiba corretamente no seu devido lugar, entre dois outros previamente colocados por Deus. Em **Efésios 4.13,15-16** esse propósito fica bem claro:

“...até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo... 15Mas, seguindo a verdade em amor, crescamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo, de quem todo o corpo, bem ajustado e consolidado pelo auxílio de toda junta, segundo a justa cooperação de cada parte, efetua o seu próprio aumento para a edificação de si mesmo em amor” (ARA).

Como ainda trazemos conosco uma herança que não condiz com o caráter de Cristo, Deus precisa trabalhar em nossa vida até que ela se torne espelho da vida de Seu Filho. A história seguinte pode ilustrar como tudo isso ocorre em nossa vida de fé:

- Houve uma vez uma estranha assembléia em uma carpintaria. Era uma reunião das ferramentas para acertarem as suas diferenças. O martelo queria exercer a presidência mas os demais participantes lhe notificaram que ele teria que renunciar.

A razão é que ele fazia muito barulho enquanto trabalhava, além do fato que não sabia trabalhar de outra maneira senão dando golpes duros de suportar. Ele aceitou a crítica e sua culpa, mas exigiu que também fosse expulso o parafuso, uma vez que ele dava muitas voltas para fazer coisas simples. Diante do ataque, o parafuso concordou, mas, por sua vez, pediu a expulsão da lixa dizendo que ela era muito áspera no trato com os outros. Só faltava esfolar os outros vivos. A lixa acatou a imposição com a condição que se expulsasse a trena porque ela sempre media os outros com uma medida que lhe convinha como se fosse a única perfeita. Nesse momento, entrou o carpinteiro que juntou todo o material e suas ferramentas e começou a trabalhar. Durante a execução do seu trabalho utilizou cada um deles no seu devido tempo e, num curto espaço de tempo, a madeira rústica se converteu num fino móvel. Quando o carpinteiro foi embora para descansar, a carpintaria novamente ficou só e a assembléia foi reativada. Nesse momento, o serrote tomou a palavra e disse: “Senhores, creio que ficou demonstrado que, apesar de termos defeitos, mesmo assim o carpinteiro ainda consegue trabalhar com as nossas qualidades. Por isso, não fiquemos nos atacando em nossos pontos fracos e concentremo-nos em nossos pontos fortes”. A assembléia, então, chegou à conclusão de que o martelo era forte, que o parafuso unia e dava rigidez ao móvel, que a lixa era essencial para alisar e retirar as farpas nos cantos e quinas das tábuas e que a trena era precisa em suas medições. Sentiram-se, assim, como uma equipe de trabalho, começaram a se esforçar para produzir móveis de qualidade e agradeceram pela alegria e oportunidade de poderem trabalhar juntos.

Alguns de nossos irmãos podem ter a natureza de um martelo, de uma lixa, de um parafuso, de uma trena ou qualquer outro instrumento, mas nada disso é desculpa para o carpinteiro, pois Deus pode, apesar de nossas imperfeições, levar Seu propósito a um bom fim se nos deixarmos levar e usar por Ele. É através de outros instrumentos, que também pertencem a Ele, que Deus vai nos moldando segundo a imagem de Seu Filho. Para nos treinar em amor, Deus pode colocar um martelo e uma lixa em nosso viver para ver como nós vamos nos comportar nessas novas situações. É no meio de tudo isso que nós vamos de fato nos conhecendo e reconhecendo por que precisávamos de salvação da parte de nosso Deus. Portanto, para servirmos ao nosso Deus precisamos viver uma vida em santificação. Lembremo-nos, então, que antes de entrar no Lugar Santo, o sacerdote tinha que passar pelo altar do holocausto, depois se lavar na pia de bronze e, somente após isso, ele estava habilitado a servir ao seu Senhor. Todo líder deveria ter isso em mente. Assim como o sacerdote não era o dono da casa de Deus, mas apenas servia e ministrava lá, assim também um pastor consciente haverá de entender que a igreja não é dele, mesmo que ele tenha sido o membro fundador dela e tenha muito amor por ela como um pai pelos seus filhos.

Aqui cabe uma pergunta: Como era possível que quarenta e oito tábuas permanecessem firmes em seu lugar? Hoje em dia, a pergunta equivalente seria: Como um cristão pode permanecer firme numa igreja local onde há uma enorme variedade de pessoas com os mais diversos tipos de temperamentos e personalidades? Notemos que, no Tabernáculo, todas aquelas tábuas estavam ordenadas numa linha reta formando uma unidade visível. A resposta é bem simples: Era possível por causa das bases de prata e dos encaixes que cada tábua trazia em si. Cada base de prata pesava mais ou menos cinqüenta e sete quilos. O peso total das noventa e seis bases de prata ficava em torno de cinco toneladas e meia. A prata era o preço do resgate oferecido pelo israelita na época do recenseamento, conforme Êxodo 30.11-16. Uma vez mais afirmamos a seguinte verdade: Jesus pagou o preço do resgate por nossas vidas para que pudéssemos ter o nosso nome no Livro da Vida, para sermos aceitos por Deus e para fazermos parte da habitação de Deus nessa dispensação. Os dois encaixes serviam como dois pés que eram implantados nas bases. Se um dos encaixes tivesse ficado na base e o outro na areia, a tábua ficaria instável, totalmente fora de equilíbrio. É exatamente isso que ocorre quando confiamos em Cristo e nos homens ao mesmo tempo. Nossa vida fica instável, desequilibrada. Nossos dois pés, semelhantemente àqueles dois encaixes das tábuas, precisam estar totalmente implantados na base verdadeira que é Cristo. Isso nos dará uma estrutura firme que há de resistir às tempestades desta vida. E o segredo é simplesmente confiar em Cristo e em Sua obra redentora.

Temos também as travessas, em número de cinco, que ajudavam a dar firmeza a toda estrutura. Alguns expositores da Palavra de Deus vêem nessas cinco travessas as cinco verdades que lemos em **Atos 2.42-47**, que diz:

“Eles se dedicavam ao ensino dos apóstolos e à comunhão, ao partir do pão e às orações. Todos estavam cheios de temor, e muitas maravilhas e sinais eram feitos pelos apóstolos. Os que criam mantinham-se unidos e tinham tudo em comum. Vendendo suas propriedades e bens, distribuíam a cada um conforme a sua necessidade. Todos os dias continuavam a reunir-se no pátio do templo. Partiam o pão em suas casas, e juntos participavam das refeições, com alegria e sinceridade de coração, louvando a Deus e tendo a simpatia de todo o povo. E o Senhor lhes acrescentava diariamente os que iam sendo salvos”.

Essas cinco verdades querem responder à seguinte pergunta: O que dá firmeza à casa de Deus? Resposta: A doutrina dos apóstolos, a comunhão, o partir do pão, as orações e aquela travessa invisível que é o Espírito Santo. Se a Igreja se baseia na doutrina dos apóstolos, tem uma vida de comunhão de uns para com os outros através do amor, continua fiel no partir do pão, isto é, na comunhão com Jesus, persevera em oração e permite a ação do Espírito Santo em seu meio, então essa Igreja será um exemplo de firmeza e será sempre uma luz para esse mundo escuro no lugar em que estiver plantada. Temos também em **Efésios 4.4-6** outras cinco verdades também

relacionadas com a vida da Igreja. Diz o texto: ***“Há um só corpo e um só Espírito, assim como a esperança para a qual vocês foram chamados é uma só; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos, que é sobre todos, por meio de todos e em todos”***. Se observarmos com atenção o que o Novo Testamento nos ensina, nós teremos todas as respostas de que precisamos para permanecer firmes em nossa vida de fé durante a nossa caminhada neste mundo como Igreja. Esse tipo de postura e comportamento resulta num tipo de vida que transmite realmente algo de Deus para todos os que estão em nossa volta. É essa a tarefa da Igreja, conforme ***Mateus 5.14-16***, onde lemos o seguinte:

“Vocês são a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade construída sobre um monte. E, também, ninguém acende uma candeia e a coloca debaixo de uma vasilha. Ao contrário, coloca-a no lugar apropriado, e assim ilumina a todos os que estão na casa. Assim brilhe a luz de vocês diante dos homens, para que vejam as suas boas obras e glorifiquem ao Pai de vocês, que está nos céus”.

Ora, quando entramos no Lugar Santo, que foi construído com aquelas quarenta e oito tábuas, notamos que ele possuía paredes, mas não tinha janelas. Era uma casa diferente das outras casas comuns que possuíam janelas para, por exemplo, receber luz de fora. Contudo, na Igreja é diferente. Se observarmos bem, no Lugar Santo havia um candelabro. Era ele que iluminava todo o ambiente. Isso indica para nós que Deus não aceita luz vinda de fora. Ele não precisa disso, não precisa nem da filosofia ou sabedoria do homem para realizar os Seus planos. Essas coisas vêm de fora e tentam penetrar no Lugar Santo por todos os meios, isto é, na Igreja de Deus. A luz que vem da Palavra de Deus é suficiente para nos instruir e guiar naquilo que precisamos saber para fazer a vontade de Deus. É a própria Escritura que nos diz isso. Vejamos o que diz ***2Timóteo 3.16*** a esse respeito: ***“Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra”***.

Quando entramos no Lugar Santo, encontramos três peças, a saber: ***o candelabro, a mesa dos pães da proposição e o altar do incenso***. Todos esses objetos são mencionados em Êxodo 37.10-28. A partir deste momento vamos tratar de cada uma dessas peças individualmente, procurando entender qual o lugar próprio de cada uma delas na simbologia do Tabernáculo.

O Candelabro (Êxodo 25.31-40; 37.17-24)



Começamos com o candelabro, que era a peça mais linda dentre todas que encontramos no Tabernáculo. Ele era feito de ouro fino e é mencionado vinte e uma vezes na Bíblia. O candelabro fornecia luz para o Lugar Santo e é também (não somente) uma figura de Jesus, pois sendo o número 21 composto de 3x7 isso aponta para o fato de que ele irradiava a luz perfeita. Na Bíblia somente um pode ser descrito como a luz perfeita, a luz que é capaz de iluminar a Jerusalém celestial de Deus. Jesus! Lemos isso em **Apocalipse 21.23**, que diz. ***“A cidade não precisa de sol nem de lua para brilharem sobre ela, pois a glória de Deus a ilumina, e o Cordeiro é a sua candeia”***. Outra característica do candelabro, que faz com que ele aponte para Jesus, é o fato de que ele era feito de ouro batido, o que nos faz lembrar os sofrimentos de Cristo. Lembremo-nos que, nos Seus sofrimentos, bateram em Jesus de diversas formas, além de O furarem com lança quando já estava na cruz.

Além de apontar para Jesus, o candelabro também está relacionado com outros aspectos espirituais. O candelabro aponta para o Espírito Santo quando nos concentramos em suas sete lâmpadas; aponta para Jesus, como já mencionamos, quando meditamos sobre Sua luz, fala da divindade do Senhor, daí ser feito de ouro puro. Por fim, o candelabro ainda era composto de diversas peças que o adornavam: o pedestal, as hastes, os cálices e as flores que faziam dele uma peça delicada de rara beleza. Esse conjunto quer nos comunicar uma verdade singular: a beleza de Cristo é incomparável. Nisso há uma lição importante para nós: a Igreja foi chamada para ser luz e, já no Antigo Testamento, podemos aprender muito sobre isso.

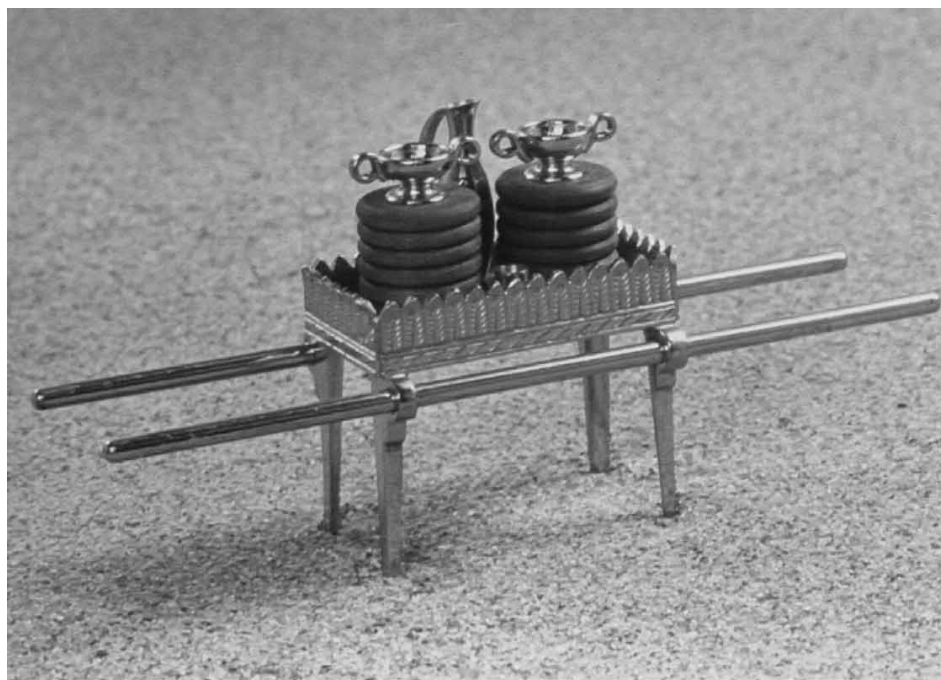
O sacerdote tinha a tarefa de manter acesa a luz desse candelabro. Nós sabemos muito bem que, com o passar do tempo (e isso também acontece com a nossa vida de fé), a luz acaba ficando cada vez mais fraca e já não mais brilhamos com a mesma intensidade como brilhávamos no início de nossa conversão. Naquele tempo, tudo em nossas vidas apontava para Jesus Cristo, mas hoje isso mudou substancialmente. A luz talvez esteja tão fraquinha que já não é mais possível ver aquele brilho de antes. O que provoca essa perda de brilho é a sujeira que foi se acumulando em nossas vidas. Por exemplo: se você tem um carro novo, mas com um carburador sujo ou o sistema de ignição eletrônica desregulado, mesmo que as outras partes estejam em ordem, ele nunca irá funcionar. Por mais que você acelere, não anda, chega até a vibrar com o ligar do motor, mas acaba o deixando na rua. Então, quando você menos espera passa um carro velho ao seu lado, todo enferrujado, mas que está funcionando bem. Assim são muitos cristãos: por fora têm uma aparência bonita, são vistosos. Todavia o seu interior não irradia luz porque o seu carburador espiritual, isto é, o seu coração está sujo. E isso impede que ele brilhe e irradie a sua luz. Nessas condições, permitindo sujeira no seu íntimo, não fazendo frente ao pecado que quer se instalar cada vez mais no coração, não há a mínima condição de ser aquela luz que o Senhor gostaria que fôssemos, conforme Ele nos disse em Mateus 5.14. A perda da alegria da salvação, a falta de disposição para orar e o desejo de estar reunido com os irmãos, a indiferença com relação ao evangelismo... tudo isso, entre outros, é pura e simplesmente consequência da presença tolerada do pecado em nossas vidas. Voltando à atividade do sacerdote, entre outras coisas, era nisso que consistia a sua tarefa: Manter a luz acesa através da limpeza contínua do candelabro. Às vezes, era necessário até cortar o pavio para que o azeite pudesse umedecê-lo de forma que, quando aceso, voltasse a dar a luz adequada ao ambiente. Assim também deve ser conosco. Devemos limpar continuamente a nossa vida, se necessário for, cortar sem hesitação aquelas áreas pecaminosas que estão apagando a nossa luz para o Espírito Santo de Deus (simbolizado pelo azeite). Pensemos nisso: O pré-requisito para servir o Senhor é uma vida santa. Todas as áreas de nossas vidas devem estar sendo monitoradas com esse propósito: santidade total ao Senhor. Até as nossas orações podem não estar produzindo o efeito que gostaríamos, pois não é pelo muito falar que seremos ouvidos. Em **Isaías 1.15**, Deus deixa isso bem claro: ***“Pelo que,***

quando estendeis as mãos, escondendo de vós os olhos; sim, quando multiplicais as vossas orações, não as ouço, porque as vossas mãos estão cheias de sangue”

(ARA). A Bíblia diz, em **1João 3.15**: ***“Qualquer que odeia a seu irmão é homicida. E vós sabeis que nenhum homicida tem a vida eterna permanecendo nele”*** ***(ACF)***. Portanto, é necessário que nos apresentemos ao Senhor, confessemos e admitamos as impurezas que estamos permitindo em nossas vidas e roguemos para que Ele nos perdoe e nos purifique. Somente assim é que a nossa luz voltará a brilhar. Como aquele candelabro que iluminava o interior do Lugar Santo, assim também cada um de nós deveria ser uma luz que ilumina toda a casa de Deus. Essa condição não é produzida a partir de esforço humano pura e simplesmente. Ela só aparece se deixarmos o Espírito de Deus atuar. Não nos deixemos levar pelos nossos critérios de avaliação dos pecados. Quando passamos a classificar o que é mais pecaminoso ou nem tanto, capacidade essa que não possuímos, então passamos a permitir certos níveis de sujeira em nossas vidas. É aí que mora o perigo! Todo ministro de Deus, comprometido com o seu Deus, há de enfrentar com firmeza qualquer tipo de tentativa de manifestação do pecado em sua vida, pois ele sabe que a eficácia do seu ministério diante do Senhor depende exclusivamente disso. Todavia, aquele que, nesse sentido, se encontra em condição de desvantagem pode reverter tal situação pelo arrependimento e confissão de suas faltas. Com essa atitude ele vira o jogo a seu favor, a luz volta a brilhar em sua vida e os outros vão perceber isso de imediato. Então, ficará claro que é Jesus Quem domina a nossa vida e não qualquer outra coisa. Aleluia!

8

A Mesa dos Pães (Êxodo 25.23-30)



O segundo objeto no Lugar Santo é a mesa dos pães. Esta mesa também é mencionada vinte e uma vezes, formando, portanto, a mesma estrutura 3x7. Ela também aponta para Jesus Cristo. Enquanto o candelabro fala da iluminação, a mesa dos pães fala da comunhão. É interessante notar que a frase *“perante mim ou perante o Senhor”* ocorre por três vezes, ou seja, em Êxodo 25.30, 27.21 e 30.8 e sempre no mesmo contexto de comunhão e intercessão. Isso significa que, quando fazemos essas coisas, devemos ter em mente que as estamos realizando perante o Senhor e não perante os homens, com intenção de agradá-los. É a aprovação dEle que buscamos. Aqui vemos a harmonia e convergência das verdades espirituais das quais estamos falando: as travessas, das quais já falamos, apontam para a doutrina, a mesa dos pães para a comunhão e o altar do incenso, do qual falaremos a seguir, aponta para a oração. É isso que Deus busca em nós: Ele quer que nos orientemos pela sã doutrina, nos esforcemos em manter comunhão com Ele e com os irmãos e sejamos aplicados à oração.

Tudo isso é o **alimento básico** necessário para o crescimento sadio de uma vida de fé. Infelizmente, há alguns que rejeitam esse alimento sólido oferecido por Deus através dos líderes que Ele mesmo levanta no meio do Seu povo. O próprio apóstolo Paulo viveu uma situação dessas na igreja de Corinto. Ele mesmo diz:

“Eu, porém, irmãos, não vos pude falar como a espirituais, e sim como a carnis, como a crianças em Cristo. Leite vos dei a beber, não vos dei alimento sólido; porque ainda não podíeis suportá-lo. Nem ainda agora podeis, porque ainda sois carnis” (1 Co 3.1-2 – ARA).

Vemos, então, que aqueles irmãos de Corinto não foram capazes de aceitar o que o apóstolo estava oferecendo, preferindo permanecer no leite, o que era uma situação muito perigosa. Crescimento na graça e conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo não é opcional para a Igreja. É um imperativo divino. Qual é o pai ou a mãe que gostaria que seus filhos permanecessem eternamente crianças? Para viver uma vida vencedora, uma vida que transmite luz e aponta para Jesus, é necessário que nos alimentemos de uma comida sólida, que possua os ingredientes espirituais de que precisamos. Em nosso meio há muitos que nunca tiveram ou perderam o anseio e a necessidade de ingerir esse tipo de alimento. É provável que um dos motivos que leva a essa condição seja uma vida contrária à vontade de Deus para nós. Uma vida que não é submissa a Jesus Cristo.

Observemos nossa vida cotidiana. Quando alguém come alguma coisa, por exemplo, chocolate, antes da refeição principal, essa pessoa não terá fome suficiente na hora do almoço ou da janta. Mesmo sabendo que aquelas são as refeições mais importantes para o seu corpo, não terá vontade de comer tudo que lhe for oferecido. Mesmo que a comida seja a sua preferida ela não terá interesse. Infelizmente, isso também acaba ocorrendo em nossa vida de fé. Mesmo que Deus nos ofereça a comida certa – a que vai garantir o nosso crescimento – não temos vontade de comer porque já nos alimentamos com os doces do mundo, o que acabou prejudicando o nosso apetite espiritual pelas coisas de Deus. Resultado: não crescemos! Tornamo-nos raquíticos, espiritualmente!

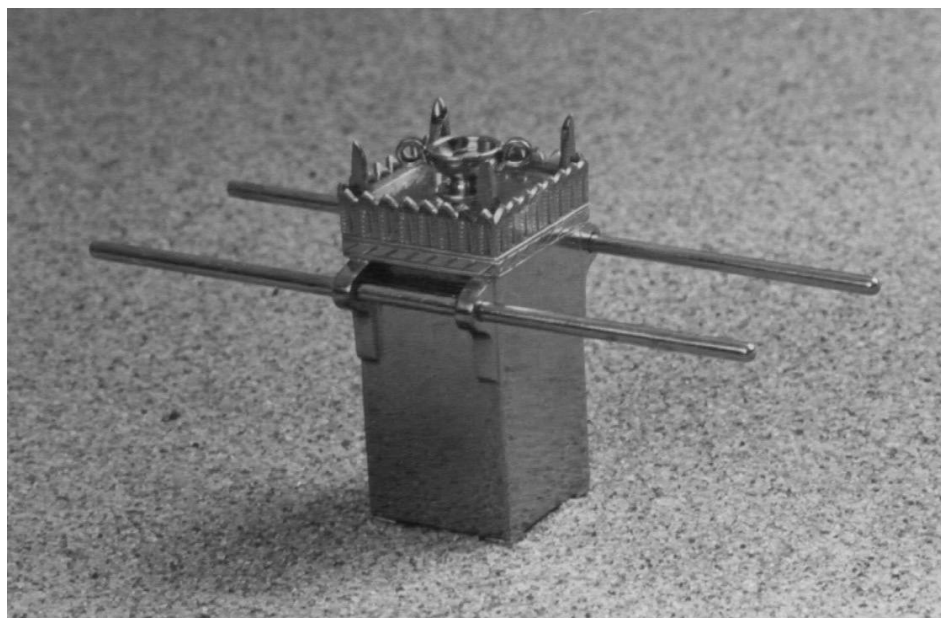
A mesa dos pães nos convida a nos alimentarmos da Palavra de Deus. Nela havia doze pães dispostos de forma simétrica, isto é, duas pilhas com seis pães cada uma. Ao redor da mesa havia uma moldura de ouro cuja função era impedir que os pães caíssem da mesa. Note que o nosso Deus toma muito cuidado para proteger as verdades referentes ao Seu Filho. Essa disposição ordeira dos pães quer nos ensinar que Deus é um Deus que aprecia a ordem no serviço realizado entre e por Seu povo. Lemos isso em **1Coríntios 14.40**, que diz: ***“Tudo, porém, seja feito com decência e ordem” (ARA)***. Essa verdade tão clara do Novo Testamento nos é ensinada bem cedo no Antigo Testamento. Se quisermos agradecer ao nosso Deus teremos também que viver e praticar isso.

“Porque não quero, irmãos, que ignoreis este mistério (para que não sejais presumidos em vós mesmos): que veio endurecimento em parte a Israel, até que haja entrado a plenitude dos gentios. E, assim, todo o Israel será salvo, como está escrito: Virá de Sião o Libertador e ele apartará de Jacó as impiedades. Esta

é a minha aliança com eles, quando eu tirar os seus pecados. Quanto ao Evangelho, são eles inimigos por vossa causa; quanto, porém, à eleição, amados por causa dos patriarcas; porque os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis. Porque assim como vós também, outrora, fostes desobedientes a Deus, mas, agora, alcançastes misericórdia, à vista da desobediência deles, assim também estes, agora, foram desobedientes, para que, igualmente, eles alcancem misericórdia, à vista da que vos foi concedida. Porque Deus a todos encerrou na desobediência, a fim de usar de misericórdia para com todos” (Rm 11.25-32 – ARA).

Esse texto mostra claramente que Deus ainda vai voltar a tratar com Israel, representado pelo seu remanescente. Virá uma época, que ninguém sabe quando, em que uma geração inteira de judeus haverá de reconhecer a Jesus como o seu Messias e, em fazendo assim, pelo princípio da solidariedade corporativa tão presente no Antigo Testamento, será contado em favor da nação inteira. Isso é um mistério para nós ocidentais que vivemos numa visão de mundo tão individualista. Contudo, é essa a perspectiva da Bíblia quanto ao futuro de Israel diante de Deus. Vemos, então, que, na Palavra de Deus, não encontramos somente a descrição do caos, da falência ou da derrota de uma pessoa, de uma tribo ou de uma nação inteira. Vemos que ela fala também de restauração que será operada pelo próprio Deus. Se nós nos alimentássemos cada vez mais da Palavra de Deus nunca ficaríamos desanimados ou sem esperança porque ela nos impulsiona para acreditar naquilo que ainda não existe. Lemos a respeito de Abraão que, num dos momentos mais difíceis de sua vida, ele ***“...contra a esperança, creu, para vir a ser pai de muitas nações” (Rm 4.18 – ARA)***. Mesmo que hoje não vejamos uma Igreja santa, pura e imaculada, Ele nos diz que é dessa forma que vai apresentá-la diante de Si mesmo. Muitos vêem somente esse lado escuro da Igreja e esquecem de Quem foi que prometeu apresentar para Si mesmo uma Igreja gloriosa sem rugas e sem defeitos. Assim, os doze pães são a certeza de um Israel restaurado. E um dia todos nós vamos louvar a Deus por esse fato. Por Ele demonstrar mais uma vez que nem a soma de todas as rebeldias e loucuras humanas pode frustrar os Seus planos, ***“porque os dons e o chamado de Deus são irrevogáveis” (Rm 11.29)***. Aleluia! Um dia olharemos para trás e confirmaremos que tudo que Ele prometeu se cumpriu, pois sabemos Quem foi que disse: ***“Os céus e a terra passarão, mas as minhas palavras jamais passarão” (Mt 24.35)***. Procuremos olhar para as situações através das lentes da Palavra Deus. Andemos com base naquilo que a Palavra afirma e não naquilo que sentimos ou que outros dizem. Somente assim a vitória é certa. Hoje não vemos esse estado perfeito das coisas, mas Deus já vê e isso é o que importa. Aprendemos, portanto, que Deus é um Deus de ordem e que cumpre a Sua Palavra.

O Altar do Incenso (Êxodo 30.1-10)



O último objeto que encontramos no Lugar Santo é o altar do incenso que aponta para a intercessão.

Quando recebemos luz, comunhão e alimento vindos da Palavra estaremos motivados a orar e interceder diante de Deus, certos de que Ele ouve e aceita a nossa oração. Esse altar também foi totalmente revestido de ouro. Nisso ele também indica a exaltação de Cristo. Como o altar do incenso estava entre a entrada do Lugar Santo e o véu, que separava o Lugar Santo do Lugar Santíssimo, isso indica que ele está na posição de mediação entre Deus e o homem. Vemos aí uma das funções de Cristo, conforme nos afirma o Novo Testamento: ***“Pois há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens: o homem Cristo Jesus” (1Tm 2.5)***. E Ele está agora à direita de Deus, exaltado e intercede por nós conforme nos afirma o apóstolo Paulo em **Romanos 8.33-34**, que diz: ***“Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu ou, antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus, e também intercede por nós” (ARA)***. Por outro lado, uma de nossas tarefas como pessoas redimidas por esse Deus está bem clara no texto que diz: ***“Quero, pois, que os homens orem em todo o lugar, levantando mãos santas, sem ira nem contenda” (1Tm 2.8 – ACF)***.

No altar do incenso encontramos também quatro chifres dispostos cada um em um dos cantos do altar, cuja forma era quadrada. Como já tivemos a oportunidade de abordar, o número quatro indica universalidade ou os quatro cantos do mundo. Por isso, as orações devem ser feitas em todo lugar (todo o mundo). Como o chifre no Antigo Testamento é símbolo de poder, então deduzimos que as orações têm o mesmo poder, qualquer que seja o lugar do mundo onde sejam feitas. A posição do altar, no interior do Lugar Santo, era tal que ficava em frente à arca da aliança, a qual sinalizava a direção onde Deus estava. A oração feita por um justo, que age de acordo com a vontade de Deus, possui uma eficácia e um poder indescritíveis. Ela é capaz de mover o braço e coração do nosso Deus. O apóstolo Tiago afirma exatamente isso:

“Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da igreja, e estes façam oração sobre ele, ungindo-o com óleo, em nome do Senhor. E a oração da fé salvará o enfermo, e o Senhor o levantará; e, se houver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados. Confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros e orai uns pelos outros, para serdes curados. Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo. Elias era homem semelhante a nós, sujeito aos mesmos sentimentos, e orou, com instância, para que não chovesse sobre a terra, e, por três anos e seis meses, não choveu. E orou, de novo, e o céu deu chuva, e a terra fez germinar seus frutos” (Tiago 5.14-18 – ARA).

Contudo, se a nossa vida não está na luz, a nossa comunhão não é completa e as nossas mãos não estão limpas. Assim, nossa oração corre o sério risco de não produzir o que gostaríamos que ela produzisse. Ela se torna uma oração ineficaz. Sabemos muito bem que nessa área, isto é, no ministério de oração, nada funciona sem purificação e santificação. Embora Deus seja capaz de fazer tudo, nossos pecados têm o poder de interferir entre nós e Ele. E o pior é que eles ainda roubam as nossas forças de modo que temos a nítida sensação de que não estamos sendo ouvidos.

Em nosso ministério, tudo deve ser feito tendo sempre em vista os propósitos de Deus. Temos que aprender a desenvolvê-lo perante o Senhor, para Deus e não diante dos homens. A oração, por exemplo, é algo que podemos fazer diante dos homens apenas visando demonstrar nossa “espiritualidade”. Os fariseus cometiam esse erro freqüentemente. A mensagem no Tabernáculo é bem diferente. Todos sabiam o que os sacerdotes e o sumo sacerdote faziam no Lugar Santo e no Lugar Santíssimo, mas ninguém os via. O que eles faziam, faziam diante do Senhor e somente para Ele. Alguns oram diante da igreja, mas não oram diante do Senhor. Quando estão sozinhos em casa não buscam ao Senhor, porém quando são solicitados perante a igreja mudam até a entonação da voz para proferir a oração. Outro detalhe importante é que o conteúdo de nossas orações deveria expressar que estamos em

harmonia com a vontade de Deus e não com o nosso agrado. Por exemplo, em **Levíticos 16.12-13** lemos o seguinte:

“Tomará também, de sobre o altar, o incensário cheio de brasas de fogo, diante do Senhor, e dois punhados de incenso aromático bem moído e o trará para dentro do véu. Porá o incenso sobre o fogo, perante o Senhor, para que a nuvem do incenso cubra o propiciatório, que está sobre o Testemunho, para que não morra” (ARA).

Esse texto mostra que o incenso, que é o símbolo das orações dos santos, deveria ser apresentado no Lugar Santíssimo diante do Senhor. Notemos também que ele é colocado sobre as brasas que foram tiradas do altar que representa a obra de Cristo. Isso significa que a nossa oração será eficaz quando for baseada na obra de Cristo ou quando tiver relação com ela. Talvez esteja aí uma explicação do motivo que levou o fariseu de Lucas 18.9-14 a ser rejeitado. A sua oração fazia referência somente às suas obras e não havia menção de nenhuma obra de Deus em sua vida. Temos a impressão que ele não valorizava nada do que Deus havia feito por ele. A ênfase do outro que estava próximo é totalmente diferente. Sua oração é de total dependência da obra de Deus. Se nós sempre mantivermos a atenção na obra de Deus em nosso favor, por meio de Cristo, então Deus sempre olhará para nós através de Cristo e nossas orações chegarão ao Seu trono de graça. Notemos, ainda, que o incenso só poderia ser misturado com o fogo vindo do altar e não com outro tipo de fogo. Não podemos apresentar fogo estranho diante do Senhor, pois isso provocará a nossa rejeição por parte dEle, conforme ocorreu com aquele fariseu. Os quatro chifres presentes no altar do incenso fazem menção ao poder da oração quando feita baseada na poderosa obra de Cristo. O poder da oração, unido ao poder da obra de Cristo, provoca uma reação em cadeia que é capaz de realizar aquilo que achamos impossível: faz chover após três anos, cura os enfermos, levanta os mortos, transfere uma montanha de um lugar para o outro, faz descer fogo do céu, em suma, atinge em cheio o coração de nosso Deus. Jesus mesmo diz quando é que essas coisas são possíveis: ***“Se permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes, e vos será feito” (Jo 15.7 – ARA)***. Uma oração baseada nas palavras de Jesus, feita por uma pessoa que permanece em Jesus e que possui os ingredientes do amor e da comunhão é uma oração que – com toda certeza – será ouvida por Deus. Deus se agrada de um ministério de oração desse tipo. O ministério de oração é, provavelmente, o mais poderoso na Igreja do Senhor. Nada se iguala a ele em poder.

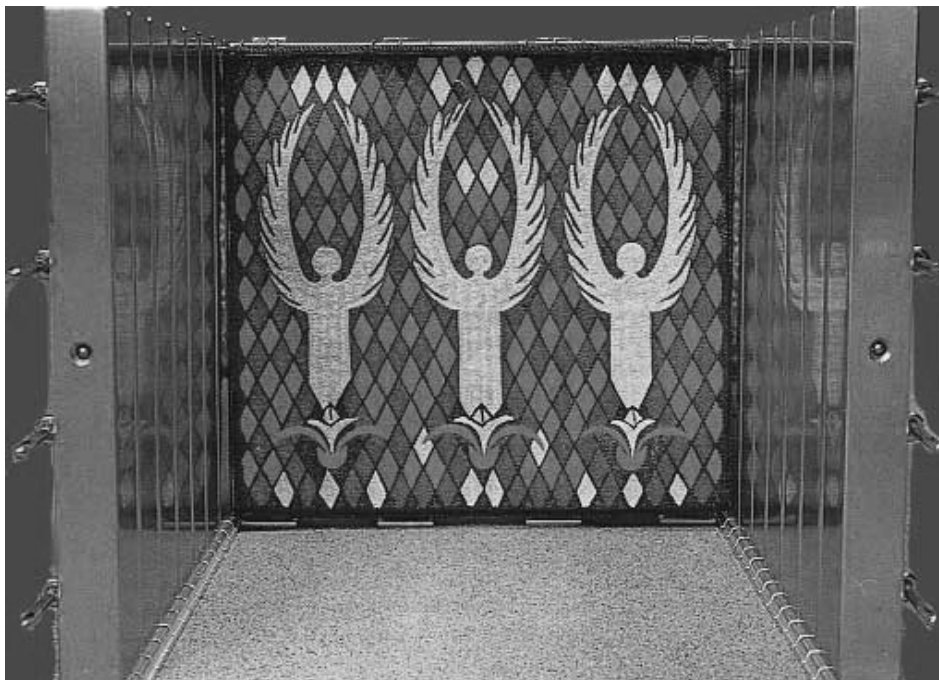
Há um tipo específico de oração relacionado ao ministério de oração que é a intercessão. Deus diz em sua Palavra: ***“Busquei entre eles um homem que tapasse o muro e se colocasse na brecha perante mim, a favor desta terra, para que eu não a destruísse; mas a ninguém achei” (Ez 22.30 – ARA)***. Esse exemplo nos desafia e incentiva a praticar esse tipo de oração. Uma vida pura de oração é um

canal por meio do qual Deus pode operar milagres. Um ministro que pratica e vive assim diante do Senhor é um instrumento que Deus estará usando para atingir outras vidas.

10

O Véu

(Êxodo 26.31-37)



O altar do incenso estava diante de um véu que separava o Lugar Santo do Lugar Santíssimo. Esse véu também é chamado de segundo véu, ou simplesmente “o véu”, conforme Hebreus 9.3. As suas características, conforme o verso 31, apontam para algumas singularidades da Pessoa de Cristo. O azul fala da Sua procedência (veio do céu e é Filho de Deus), a púrpura fala do Senhor como o Soberano, o carmesim apresenta o Senhor como sofredor e Salvador, o branco fala dEle como o Servo puro e perfeito. O véu proclamava a verdade eterna de que Deus é três vezes santo, isto é, que a Sua santidade é absoluta. Ele é o único Santo. O véu era algo que inspirava medo, pois o véu incutia na mente dos ministros aquela verdade que não se podia adentrar ao Lugar Santíssimo sem ser puro.

Quando Jesus Cristo venceu na cruz, nós ficamos sabendo o que aconteceu com aquele véu: ***“Naquele momento, o véu do santuário rasgou-se em duas partes, de alto a baixo. A terra tremeu, e as rochas se partiram” (Mt 27.51).*** Com esse evento Deus nos disse duas coisas: Primeiro, os sacrifícios da antiga dispensação chegaram ao seu final. Segundo, a partir daquele momento o caminho da comunhão estava acessível, pois o sacrifício realizado por Cristo e em Cristo é completo, perfeito e singular. Ele, e somente Ele, é a base sobre a qual podemos descansar, pois satisfaz plenamente às exigências de Deus. Por isso, demos todo louvor a

Cristo, Àquele que nos abriu o caminho até a Pessoa de Deus, caminho novo, aberto em Sua própria carne.

O Lugar Santíssimo



Finalmente chegamos ao Santo dos Santos, ou Lugar Santíssimo, que é o ponto mais importante.

Nesse ambiente havia somente um objeto, que era a Arca da Aliança, coberta com um propiciatório. Para chegar a esse lugar atravessamos três portas: a primeira que dava acesso para pátio exterior, a segunda que dava acesso para o Lugar Santo e a terceira que separava o Lugar Santo do Lugar Santíssimo, esta porta que tinha um véu como cortina.

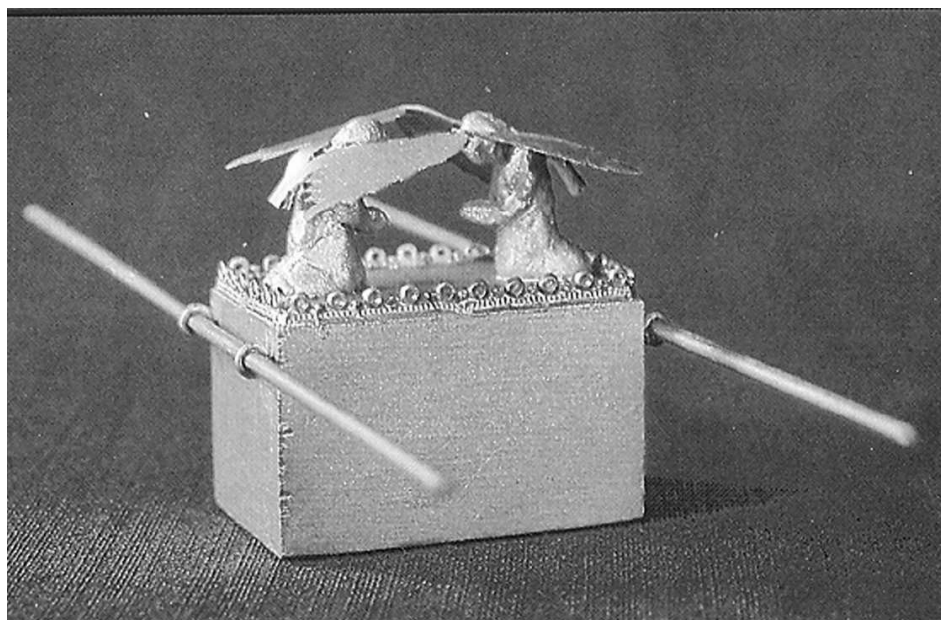
Enquanto que havia cinco colunas na entrada do Lugar Santo, aqui encontramos apenas quatro colunas. Sobre as cinco colunas havia alguns objetos como que coroas, mas aqui não encontramos coroa alguma. Alguns estudiosos da Bíblia interpretam isso com referência ao fato de que, quanto mais próximo de Deus estivermos, menos honra aceitaremos. Em **Apocalipse 4.10-11** vemos um exemplo desse tipo de atitude: *“...os vinte e quatro anciãos prostrar-se-ão diante daquele que se encontra sentado no trono, adorarão o que vive pelos séculos dos séculos*

e depositarão as suas coroas diante do trono, proclamando: Tu és digno, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, porque todas as coisas tu criaste, sim, por causa da tua vontade vieram a existir e foram criadas” (ARA).

Esse despojar-se de toda e qualquer honra acontece sempre na presença do Senhor. Quando contemplamos sua grandeza e bondade é que chegamos à conclusão de que não merecemos coisa alguma. E é no Lugar Santíssimo que encontramos essa presença de Deus. Esse véu que dava acesso a esse lugar foi rasgado de cima a baixo, indicando que Deus aceitou o sacrifício que Jesus realizou e que por Ele estava franqueado o acesso à presença do Pai. Esse ato de Deus foi um completo “sim”, foi a declaração de que nada falta para que o homem pecador possa retornar à comunhão com Ele. Tudo estava realizado de tal modo que não somente os sacerdotes e o sumo sacerdote teriam acesso à presença de Deus, mas todos que assim o desejassem.

12

Arca da Aliança (Êxodo 25.10-22)



Adentremos, então, ao Lugar Santíssimo. Lá encontramos apenas um único objeto que é mencionado cento e oitenta vezes na Bíblia: a Arca da Aliança. Ela indica a presença de Deus. É mencionado vinte e uma vezes que a arca foi construída com madeira de acácia e revestida de ouro fino. Como sabemos 21 é composto de 3x7, sendo o número três o número da Divindade e sete o da perfeição. Temos aqui a perfeição divina. Apesar de ser o último objeto que encontramos nesse trajeto que fizemos, ele foi o primeiro objeto a ser mencionado quando Deus emitiu as ordens para a construção do Tabernáculo e seus utensílios. Podemos verificar isso em Êxodo 25.

Esse caminho que fizemos culmina no seu ponto mais alto: ter acesso à presença de Deus. Para aqueles que estão acostumados a desfrutar dessa dádiva, isso se converte no seu bem mais precioso. Moisés tinha consciência disso. Quando Deus o elegeu para ser o guia do Seu povo ele falou as seguintes palavras ao Senhor, lá no deserto:

“Se me vês com agrado, revela-me os teus propósitos, para que eu te conheça e continue sendo aceito por ti. Lembra-te de que esta nação é o teu povo’. Respondeu o Senhor: ‘Eu mesmo o acompanharei e lhe darei descanso’. Então Moisés lhe declarou: ‘Se não fores conosco, não nos envies’” (Êx 33.13-15).

Se pensarmos bem Moisés estava rodeado de um exército de pessoas. Com certeza, havia ali homens muito bem capacitados para aquela jornada. Contudo, para Moisés só interessava a presença e a companhia de Um e esse era o seu Deus. Se ele e povo não fossem acompanhados pela presença de Deus naquela caminhada, tudo seria em vão. Ah, se tivéssemos essa convicção de Moisés de que tudo em nossa vida depende dessa presença de Deus! Jesus nos diz as mesmas coisas nos seguintes termos: ***“Porque sem mim nada podeis fazer” (Jo 15.5)***. É por isso que precisamos estar sempre na presença do Senhor. A presença de Deus é insubstituível. Sem ela, ser humano algum pode ter alegria verdadeira. Sem essa comunhão, a própria vida perde a graça e a razão de ser. Aprendemos no Tabernáculo o caminho até aqui.

Nós começamos esse estudo com as palavras de **Apocalipse 21.3**, que diz: ***“Ouvi uma forte voz que vinha do trono e dizia: ‘Agora o tabernáculo de Deus está com os homens, com os quais ele viverá. Eles serão os seus povos; o próprio Deus estará com eles e será o seu Deus’”***. Esse texto deixa bem claro o propósito de Deus: Ele quer habitar conosco, quer ter comunhão com quem estiver aberto para isso. Nossa luta diária consiste exatamente nisso: Empregar todas as nossas forças para que essa comunhão não seja quebrada. Nós sabemos o que pode interromper essa comunhão que nos torna alegres e realizados: os nossos pecados. A presença de Deus em nossa vida é o que possuímos de mais sagrado e valioso. Alguém, há muito tempo atrás, chegou às mesmas conclusões: ***“Quem tenho eu no céu senão a ti? e na terra não há quem eu deseje além de ti” (Sl 73.25 - ACF)***. A tão almejada vida abundante é possível se, e somente se, quisermos nos manter firmes no lugar santíssimo, isto é, na presença do nosso Deus.

A presença de Deus enriquece a vida e traz bênçãos incalculáveis. A história da arca demonstra como ela trouxe riquezas a nações e a certos indivíduos. Ela abriu um caminho através de um rio (Josué 3); a presença da Arca garantiu a vitória diante do inimigo quando eles rodearam a cidade de Jericó (Josué 6). Quando a Arca da Aliança teve de ficar por três meses na casa de Obede-Edom, as Escrituras afirmam: ***“A arca do Senhor ficou na casa dele por três meses, e o Senhor o abençoou e a toda a sua família” (2Sm 6.11)***. Esses três exemplos querem nos comunicar a seguinte verdade: Se a presença de Deus estiver faltando na sua vida, então você não está experimentando nem vitória nem a vida verdadeira. Que o nosso desejo seja como o de Davi, que, ao ouvir que a Arca do Senhor estava na casa de Obede-Edom, não hesitou em fazer uma comitiva festiva composta de trinta mil homens para escoltar o retorno da Arca para Jerusalém. A presença da Arca de novo em Jerusalém merecia uma recepção festiva da magnitude que ele propiciou pelo caminho de volta. Leia isso em 2Samuel 6.1-5. Em suma, quando temos a presença do Senhor em nossa vida, temos tudo de que precisamos. Temos paz, prazer, segurança e tudo o mais. Não há palavras que possam exprimir esse estado da alma quando Deus habita com ela.

A Arca da Aliança continha três outros objetos no seu interior: as tábuas da lei, uma amostra do maná dentro de um vaso e o cajado de Arão que floresceu. Por que somente esses três objetos foram privilegiados com esse lugar de honra dentro da Arca? A resposta a essa pergunta encerra algumas lições preciosas para o nosso crescimento espiritual.

Vamos começar com as tábuas da lei. Sabemos que foi o próprio Deus quem mandou Moisés colocar os três objetos dentro da arca. E as tábuas da lei foram colocadas lá como um testemunho da seguinte verdade: a palavra de Deus não muda. Ele não iria precisar escrever várias tábuas, uma para cada situação humana, que muda constantemente. A palavra dEle é a mesma seja qual for a condição ou situação que se apresente perante ela. Em **Mateus 24.35** essa verdade é expressa de forma cristalina: ***“Passará o céu e a terra, mas as minhas palavras não passarão” (ARA)***. Nós muitas vezes temos que modificar o que combinamos com as pessoas. Muitas vezes alegamos que a situação mudou e, por isso, não poderemos manter o que dissemos. Com Deus, porém, a situação é outra. Nem um til será modificado, não importa quanto a situação tenha se modificado. Não encontraremos nas Escrituras palavras do Senhor que não se cumpriram ou não se cumprirão, sejam elas de bênção ou de punição. As que se cumpriram até agora são a garantia de que as demais também irão se cumprir. O apóstolo Pedro, contrastando a situação humana com a perspectiva divina, afirma a mesma coisa: ***“Pois toda a humanidade é como a relva, e toda a sua glória como a flor da relva; a relva murcha e cai a sua flor, mas a palavra do Senhor permanece para sempre” (1Pe 1.24-25)***. Querido leitor, se você está entre aqueles que, apesar de possuírem a palavra de Deus em suas mãos, estão desanimados, abatidos e deixaram de perseverar nos caminhos do Senhor, então eu aconselho que não pare, não retroceda, pois, ainda que agora as coisas aparentemente não ter um desfecho favorável, você pode ter certeza que no final tudo sairá conforme a vontade de Deus. O caminho para essa vontade, agora, pode estar nublado e até truncado, mas é ela que prevalecerá no final. Veja o que lhe diz o profeta Habacuque: ***“Pois a visão aguarda um tempo designado; ela fala do fim, e não falhará. Ainda que demore, espere-a; porque ela certamente virá e não se atrasará” (Hc 2.3)***. É a nossa incredulidade na Pessoa de Deus e, conseqüentemente, na Sua Palavra que nos faz abandonar nossos postos de vigia em busca de outras alternativas para as nossas situações diárias. Não suportamos ver algumas coisas, quando parecem sair do controle de Deus. Logo, arrumamos desculpas para justificar nossas mudanças de posição e de pensamentos. No tempo do profeta Habacuque, a situação da nação de Israel estava difícil e muitos haviam deixado o Senhor longe de seu coração. Contudo, veja qual foi a atitude dEle perante a calamidade pela qual estavam passando, como conseqüência de seu próprio pecado:

“Ouvi-o, e o meu íntimo se comoveu, à sua voz, tremeram os meus lábios; entrou a podridão nos meus ossos, e os joelhos me vacilaram, pois, em silêncio, devo esperar o dia da angústia, que virá contra o povo que nos acomete. Ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto na vide; o produto da oliveira minta, e os campos não produzam mantimento; as ovelhas sejam arrebatadas do aprisco, e nos currais não haja gado, todavia, eu me alegro no Senhor, exulto no Deus da minha salvação. O Senhor Deus é a minha fortaleza, e faz os meus pés como os da corça, e me faz andar altaneiramente. A o mestre de canto. Para instrumentos de cordas” (Hc 3.16-19 – ARA).

Essa condição espiritual não se consegue alcançar de um dia para o outro. É fruto de convivência com o Senhor. São as pequenas provas que, uma vez suportadas, vão forjando o nosso caráter e dando-nos condição de confiarmos cada vez mais na Pessoa e na Palavra de Deus. Não importa quantas são as promessas que Deus tenha feito. Se Ele as fez, então irão se cumprir. Você se lembra de qual foi a diretriz dada a Josué para que ele pudesse ter certeza de que o seu período de liderança sobre o povo de Deus fosse bem sucedido? Pois bem, ei-la aqui:

“Ninguém te poderá resistir todos os dias da tua vida; como fui com Moisés, assim serei contigo; não te deixarei, nem te desampararei. Sê forte e corajoso, porque tu farás este povo herdar a terra que, sob juramento, prometi dar a seus pais. Tão-somente sê forte e mui corajoso para teres o cuidado de fazer segundo toda a lei que meu servo Moisés te ordenou; dela não te desvies, nem para a direita nem para a esquerda, para que sejas bem-sucedido por onde quer que andares. Não cesses de falar deste Livro da Lei; antes, medita nele dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer segundo tudo quanto nele está escrito; então, farás prosperar o teu caminho e serás bem-sucedido. Não to mandei eu? Sê forte e corajoso; não temas, nem te espantes, porque o Senhor, teu Deus, é contigo por onde quer que andares” (Js 1.5-9 – ARA).

Essa é a lição que vem do fato de as tábuas da aliança terem sido colocadas ali. Para que nós nunca venhamos a dizer: **“agora não dá mais”**. Um cristão autêntico nunca terá como pronunciar essas palavras, pois elas seriam a declaração da falência de Deus, o que seria uma contradição gritante. Se Deus estiver no barco, então sempre haverá saída. Quem confia no Senhor jamais será envergonhado ou decepcionado!

O segundo elemento dentro da arca era uma amostra do maná, o qual estava contido dentro de um pequeno vaso. Sabemos que todo o povo de Israel se alimentou durante quarenta anos no deserto com esse maná. Era um alimento providenciado pelo próprio Deus para o Seu povo com todos os ingredientes vitamínicos necessários naquele período. Todo dia havia uma porção suficiente para todas as refeições diárias. No sexto dia da semana, porém, a porção que aparecia era

dobrada. Isso porque, no sétimo dia, era o dia do descanso sagrado e ninguém deveria ir buscá-lo nos campos. Nos outros dias, quem tentasse apanhar mais do que o necessário se decepcionava, pois o excedente sempre apodrecia. Durante quarenta anos isso não falhou um dia sequer. Nisso havia uma lição de dependência e suprimento da parte do Senhor. A presença do maná na Arca da Aliança era o sinal da fidelidade eterna do nosso Deus. Uma estimativa da quantidade de maná necessária para alimentar o povo durante o dia, diz que ela era equivalente a uma frota de trinta caminhões cheios de pãezinhos para cada refeição. Se considerarmos um mínimo de três refeições diárias, você já imaginou quanto isso significa? Todos os dias pelas manhãs, sem atraso, uma frota de trinta caminhões, cheios de pãezinhos fresquinhos, aparecia para abastecer a despensa do povo de Deus. Que diferença de nossas padarias, onde muitas vezes ocorre atraso no pão ou no leite. Isso sim é que é Deus. Que maravilha!

A fidelidade de Deus é ainda mais importante quando estamos no deserto, sozinhos, onde não há a quem recorrer. A atitude de descrença nunca poderá experimentar essa maravilha. A ansiedade provinda da descrença nunca produzirá bem algum. Se Deus cuidou do seu povo de maneira tão fantástica, durante quarenta anos, como é que nós ainda persistimos nesse modo de vida que desconfia da provisão divina e nos atiramos nos braços das saídas humanas e mundanas? De que tipo de punição seríamos totalmente dignos? Dá para imaginar? O autor da carta aos Hebreus tem algo a dizer nesse sentido e em relação à atitude do povo durante aquela peregrinação pelo deserto. Veja o que ele diz:

“Assim, pois, como diz o Espírito Santo: Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração como foi na provocação, no dia da tentação no deserto, onde os vossos pais me tentaram, pondo-me à prova, e viram as minhas obras por quarenta anos. Por isso, me indignei contra essa geração e disse: Estes sempre erram no coração; eles também não conheceram os meus caminhos. Assim, jurei na minha ira: Não entrarão no meu descanso. Tende cuidado, irmãos, jamais aconteça haver em qualquer de vós perverso coração de incredulidade que vos afaste do Deus vivo; pelo contrário, exortai-vos mutuamente cada dia, durante o tempo que se chama Hoje, a fim de que nenhum de vós seja endurecido pelo engano do pecado. Porque nos temos tornado participantes de Cristo, se, de fato, guardarmos firme, até ao fim, a confiança que, desde o princípio, tivemos” (Hb 3.7-14 – ARA).

As obras que eles viram durante quarenta anos, entre outras, foi a provisão diária do maná. Infelizmente, no meio do povo de Deus sempre há aqueles que abrigam incredulidade em seus corações, a qual se alastra como uma epidemia por entre o povo.

É maravilhoso ter comunhão com esse Deus que nos anima através de Sua Palavra, a qual é digna de confiança e que sempre permanece fiel, apesar da nossa infidelidade. Alguém já disse que um dia a bondade de Deus vai cansar a nossa maldade e que a fidelidade de Deus vai vencer a nossa infidelidade. Isso está mais ou menos refletido nas palavras de Paulo a Timóteo nos seguintes termos:

“Fiel é esta palavra: Se já morremos com ele, também viveremos com ele; se perseveramos, também com ele reinaremos; se o negamos, ele, por sua vez, nos negará; se somos infiéis, ele permanece fiel, pois de maneira nenhuma pode negar-se a si mesmo” (2Tm 2.11-13 – ARA).

A ansiedade nunca tem condições de agradecer, pois jamais experimentou a fidelidade de Deus em ação, em favor de Seu povo. Se você pretende entrar em comunhão mais profunda com Deus, saiba que Ele vai sempre lhe fazer lembrar a seguinte verdade: “Se eu cuidei do meu povo durante quarenta anos num deserto, em condições totalmente desfavoráveis, então saiba que tenho plenas condições de cuidar de você”.

Antes de tratarmos do terceiro objeto que se encontrava no interior da Arca da Aliança, seria conveniente apresentar o texto que trata dele, pois é o mesmo que foi utilizado na libertação do povo no Egito, conforme nos relata Êxodo 7.8-13. Isso se faz necessário, uma vez que, no episódio da libertação do povo do Egito, ela não floresceu, mas transformou-se numa serpente mais poderosa que as serpentes que surgiram pela magia dos feiticeiros do Faraó. Eis o texto que se encontra em **Números 17.1-11**, que relata o seguinte episódio:

“Disse o Senhor a Moisés: Fala aos filhos de Israel e recebe deles bordões, uma pela casa de cada pai de todos os seus príncipes, segundo as casas de seus pais, isto é, doze bordões; escreve o nome de cada um sobre o seu bordão. Porém o nome de Arão escreverás sobre o bordão de Levi; porque cada cabeça da casa de seus pais terá um bordão. E as porás na tenda da congregação, perante o Testemunho, onde eu vos encontrarei. O bordão do homem que eu escolher, esse florescerá; assim, farei cessar de sobre mim as murmurações que os filhos de Israel proferem contra vós. Falou, pois, Moisés aos filhos de Israel, e todos os seus príncipes lhe deram bordões; cada um lhe deu um, segundo as casas de seus pais: doze bordões; e, entre eles, o bordão de Arão. Moisés pôs estes bordões perante o Senhor, na tenda do Testemunho. No dia seguinte, Moisés entrou na tenda do Testemunho, e eis que o bordão de Arão, pela casa de Levi, brotara, e, tendo inchado os gomos, produzia flores, e dava amêndoas. Então, Moisés trouxe todos os bordões de diante do Senhor a todos os filhos de Israel; e eles o viram, e tomou cada um o seu bordão. Disse o Senhor a Moisés: Torna a pôr o bordão de Arão perante o Testemunho, para que se guarde por sinal para filhos rebeldes; assim farás acabar as suas murmurações contra mim, para que

não morram. E Moisés fez assim; como lhe ordenara o Senhor, assim fez” (ARA).

Havia um propósito para que esse objeto fosse colocado dentro da Arca da Aliança. Era um pedaço de madeira, seco, morto e sem vida. Apesar disso lemos em Números 17.1-11 que a vara floresceu. Aquilo que estava morto recebeu vida. Isso aponta para a vitória que Jesus Cristo conquistou para todos nós. Ele venceu a morte e conquistou a vida para nós. Ele é o Único que tem o poder de nos transformar. Essa é a mensagem do terceiro objeto na Arca da Aliança.

Muita coisa Deus já nos falou até agora. Ele nos anima quando nos fala da imutabilidade de Sua Palavra por meio da presença das Tábuas da Lei no interior da Arca; nos incentiva a confiar na Sua fidelidade expressa pela amostra do maná guardado como memorial para o Seu povo e, agora, Ele conclui nos dizendo que o maior temor da humanidade, isto é, a morte, foi vencida através da vitória que Seu Filho conquistou na cruz para todos os filhos de Deus. Essa é a mensagem para nós, ou seja, tudo o que estiver seco e sem vida em nossas vidas pode ser transformado, desde que nos submetamos ao poder de Deus. Basta nos lembrarmos da situação de Lázaro, o qual esteve morto durante quatro dias, chegando a iniciar o estado de putrefação. Todavia, nem isso se constituiu um impedimento para a ação do Senhor. Bastou que Ele o chamasse da entrada do túmulo para que Lázaro atendesse à Sua ordem de vir para fora. E você estaria disposto a atender ao chamado do Senhor de sair do mundo podre no qual você talvez possa se encontrar neste momento?

Por mais que o nosso mundo esteja desfigurado, com cheiro de morte em todos os aspectos, isso não se torna um empecilho para a atuação do poder de Deus. A questão é: queremos, de fato, a ação desse poder em nossas vidas?

Outra situação aonde esse poder de transformar coisas secas, sem vida, em coisas vivas nos é relatado em **Ezequiel 37.1-14**. Nesse episódio lemos o seguinte:

“Veio sobre mim a mão do Senhor; ele me levou pelo Espírito do Senhor e me deixou no meio de um vale que estava cheio de ossos, e me fez andar ao redor deles; eram mui numerosos na superfície do vale e estavam sequíssimos. Então, me perguntou: Filho do homem, acaso, poderão reviver estes ossos? Respondi: Senhor Deus, tu o sabes. Disse-me ele: Profetiza a estes ossos e dize-lhes: Ossos secos, ouvi a palavra do Senhor. Assim diz o Senhor Deus a estes ossos: Eis que farei entrar o espírito em vós, e vivereis. Porei tendões sobre vós, farei crescer carne sobre vós, sobre vós estenderei pele e porei em vós o espírito, e vivereis. E sabereis que eu sou o Senhor. Então, profetizei segundo me fora ordenado; enquanto eu profetizava, houve um ruído, um barulho de ossos que batiam contra ossos e se ajuntavam, cada osso ao seu osso. Olhei, e eis que havia tendões sobre eles, e cresceram as carnes, e se estendeu a pele sobre eles; mas não havia neles o espírito. Então, ele me disse: Profetiza ao espírito, profetiza, ó

filho do homem, e dize-lhe: Assim diz o Senhor Deus: Vem dos quatro ventos, ó espírito, e assopra sobre estes mortos, para que vivam. Profetizei como ele me ordenara, e o espírito entrou neles, e viveram e se puseram em pé, um exército sobremodo numeroso. Então, me disse: Filho do homem, estes ossos são toda a casa de Israel. Eis que dizem: Os nossos ossos se secaram, e pereceu a nossa esperança; estamos de todo exterminados. Portanto, profetiza e dize-lhes: Assim diz o Senhor Deus: Eis que abrirei a vossa sepultura, e vos farei sair dela, ó povo meu, e vos trarei à terra de Israel. Sabereis que eu sou o Senhor, quando eu abrir a vossa sepultura e vos fizer sair dela, ó povo meu. Porei em vós o meu Espírito, e vivereis, e vos estabalecerei na vossa própria terra. Então, sabereis que eu, o Senhor, disse isto e o fiz, diz o Senhor”(ARA).

Não interessa qual seja a quantidade de mortos ou o tempo que estejam mortos. Deus tem o poder de reverter qualquer situação. Ele é o único que pode transformar uma desgraça em graça. Por isso, essa verdade deveria nos motivar a fazermos o melhor para o Senhor, sabendo que no Senhor o nosso trabalho, o nosso esforço e o nosso empenho nunca serão em vão. E essas vidas que foram tocadas pelo poder de Deus são usadas por Ele para que, por meio delas, o bom cheiro de Cristo seja espalhado nesse mundo. Não nos deixemos intimidar, seja qual for a situação. Mesmo que seja um caso de morte, seja física ou espiritual, não importa! Se Deus quiser intervir, então não haverá nenhum poder, nenhum ser ou qualquer outra coisa que poderá Lhe resistir. ***“Agindo eu, quem o impedirá?” (Is 43.13 – ARA)***, diz o Senhor Deus.

Ele é o vencedor. Ele Se sobressaiu em tudo. Nada existe que Ele não possa fazer. Retorne à comunhão com Jesus agora e você irá ouvir a seguinte declaração: “A minha palavra permanece. Mesmo que agora você não compreenda tudo o que esteja acontecendo e as razões pelas quais a situação se encontra como está, não importa, continue em frente, persevere e lá adiante você entenderá”. ***“Tu, Senhor, guardarás em perfeita paz aquele cujo propósito está firme, porque em ti confia” (Is 26.3)***. Estabeleça propósitos firmes diante do Senhor e Ele vai lhe honrar. Não olhe para a situação, mas olhe para o Senhor. Esse é o segredo da vitória do Seu povo sobre qualquer oposição que se apresente. É assim que nos advertem as Escrituras:

“Portanto, também nós, visto que temos a rodear-nos tão grande nuvem de testemunhas, desembaraçando-nos de todo peso e do pecado que tenazmente nos assedia, corramos, com perseverança, a carreira que nos está proposta, olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus, o qual, em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus” (Hb 12.1-2 – ARA).

Deus está lhe convidando, a partir desse momento, a viver com Ele uma vida de comunhão que resulta em abundância e alegria no seu viver. Volte para Deus meditando nas lições e ensinamentos que a nossa reflexão sobre o Tabernáculo lhe proporcionou. A promessa com a qual esse estudo começou, ou seja, que Deus habitaria conosco, é para você também. Não se exclua dessa bênção, como alguns já fizeram, endurecendo o seu coração para a atuação de Deus. Se hoje você ouviu a Sua voz, então abra a porta do seu coração e desfrute desse presente que Deus quer dar a você: ***“Eis o tabernáculo de Deus está com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles” (Ap 21.3b – ARA)***. Isso é para mim, é para você, é para nós. Por isso, retiremo-nos do meio deles, não toquemos em coisas impuras e Ele nos receberá como um Pai; e seremos para Ele como filhos e filhas, diz o Senhor Todo-Poderoso. ***“Amados, visto que temos essas promessas, purifiquemo-nos de tudo o que contamina o corpo e o espírito, aperfeiçoando a santidade no temor de Deus” (2 Co 7.1)***. Use esse caminho que ensinamos através do Tabernáculo. Se você fizer toda a trajetória que ensinamos, começando pela porta principal de entrada até o Lugar Santíssimo, então, com certeza, Deus vai lhe lembrar daquelas três mensagens: “A Minha Palavra é firme; o Meu cuidado por você não muda, pois Eu sou fiel; Eu venci e você pode vencer tudo por meio de Mim”.

Para encerrar esse estudo sobre o Tabernáculo, citamos o texto de **Colossenses 1.15-19**, que diz:

“Este é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação; pois, nele, foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele. Ele é antes de todas as coisas. Nele, tudo subsiste. Ele é a cabeça do corpo, da igreja. Ele é o princípio, o primogênito de entre os mortos, para em todas as coisas ter a primazia, porque aprouve a Deus que, nele, residisse toda a plenitude”(ARA).

Amém! A Deus toda a Glória!